

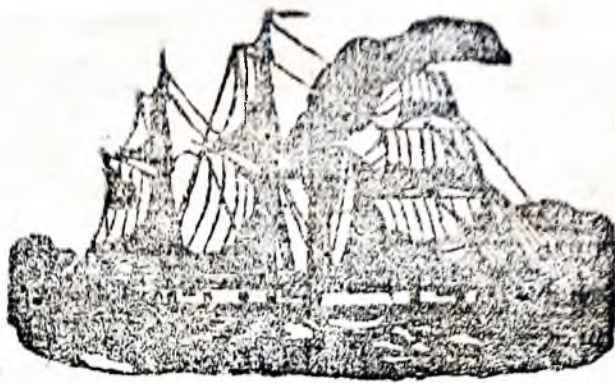


O

ALABAMA

1864-1865

I.G.H.B.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 23.

BAHIA 1º DE JULHO DE 1865.

N.º 230

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17, a 17 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.



DOUS DE JULHO.

A aurora refulgente de 2 de Julbo não tarda a raiar!

O dia de nossas glorias, o fausto anniversario do scello victorioso de nossa emancipação politica, eil-o ahi vem!

O mesmo sol, que ha 42 annos alumiuou o esforço bellico dos brasileiros, brilhará com intensidade para nutrir e fortalecer-nos n'alma as ideias de lilerdade e independencia, agora que nos achamos a braços com o fero vandalismo do despota paraguayol

Saudemol-o por tanto, a esse grande dia que nos declarou livres entre os povos livres,—bem que pesarosos pela ausencia de nossos irmãos, que sentem saudades de não partilharem comnosco

das alegrias que despertam o torrão natal e as glorias da patria!

Saudemol-o por tanto, que tão grande dia inspirará por certo nossos irmãos em novas acções valorosas, em novos feitos de heroismo, que revertirão somente em honra do Brasil!

Viva por tanto o dia Dous de Julbo!
Viva! Viva!

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 30 de junho de 1865.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que lance suas vistas para a estrada Nova ao Sangradouro, por onde é impossivel que passe uma pessoa a pé.

—A' mesma, no mesmo sentido, sobre a rua do Travasso, ao Bomfim, que se acha no mesmo ou em peor estado.

—Andar assim que é bom andar.

—Que foi?

—O filho do Sr. Gustavo, menino, estudando no Rio de Janeiro, foi no-

meado alferes do voluntarios da Bahia.

—Tenente ja.

—Tenente! Capitão foi elle, ha dias, nomeado; promovido, não sei si por serviços, distincção, ou antiguidade.

—Ora! é facil de saber: o moço subiu por distincção, que consiste em ser filho de seu pae, que é bom pae.

—Realmente, andar só assim que é bom andar.

— Sahiu á luz a modinha—O Canto do Proscripto.

—E' velho.

—E' uma excellente poesia do academico Sr. I. Penha, posta em musica pelo conhecido e distincto professor o Sr. José Bruno Correia.

—E' uma composição que pelo seu merito recommenda-se ás Exmas. Sras. Brasileiras.

—Ellas por tanto devem animar o artista que lhes procura algumas horas de divertidos passa-tempos.

—Fui hoje tomar café em uma *casa de pasto* na Praça, e fiquei admirado d'uma cousa.

—O que foi?

—O caixeiro quando arrumava palitos no paliteiro ia mordendo as pontas, não sei para que.

—Petarolas! Ora anda sempre este coronel com noticias extravagantes!

—Estou fallando serio.

—Ou o Sr. tem intriga do homem?

—Juro-lhe que não.

—Pois então vou mandar examinar pelo aspirante.

—O olho dos ladrões anda vivo.

—E' cousa velha. De novo que dá?

—Os taverneiros deram em medir por copos, cousa que é prohibida, pois que não ha medidas que não sejam as do padrão da camara.

Exemplo: vendem dous copos afunilados, cheios de vinho por uma garrafa, quando tres fazem a conta.

—Ora historias!

—Historia que é um logro, que paga o consumidor.

—Pois ouça um que é logro que paga o vendedor.

Ha um gatuno que munido de chave falsa, ao que parece, entra diariamente na salla de fazendas do Sr. José da Cunha Carvalho Bastos, e aos poucos, diminuc-lhe o genero.

—Si soffre elle isto é por que quer; um cadeiado de letras sana o damno.

—Foi o que elle agora lembrou-se de fazer. Como bom portuguez, fechou a porta depois de roubado.

—Que praga damninha!

—Muxingueiro!

—Prompto.

—Onde encontrares um sujeito, á maneira de *filhote de burro*, com cabelleira de preguiça, com cara de velhaco, manhoso como burro, hypocrita como certo frade franciscano. . .

—Conheço-o; é um filho de padre, que diz que tem pae de quem pode receber conselhos; é um infame filho de uma bicha que não tem cabeça; é um ingrato que injuria e muito áquelle de quem recebeu innumerados favores, entre os quaes o de augmentar-lhe os lucros para ir buscar e sustentar duas irmans que a fera do pae queria devorar.

Que quer V. Ex. que faça com elle?

—Que vás dando-lhe tacadas na cara, desde que o encontrares até que chegue a bordo.

—E merece-o, capitão.

E' um patife que diz que só quer receber injurias de quem ja lhe deu que ganhar; que é honra que não procura nem rejeita, como si elle sou-

besse o que é honra, a não ser pelos dictionarios.

—E' um cousa ruim que chama trahente e avarento ao protector, sem lembrar-se d'uma sociedade em que elle caloteou o companheiro, que se esforçou na publicação d'um jornal, de cujos lucros só viu o cheiro.

—E' um publicista de *crista* em pé que caloteiou certa typographia de *maçons*, obrigada a ficar com a bucha de innumerados exemplares d'uma obra material, cujo prestimo foi o embrulho de assucar, manteiga e café.

—E' um miseravel que ridicularisa o logar de professor primario, quando por não alcançar o injuriou elle ao director dos estudos.

—E' um safado que quer dar a entender que alguém julga ser crime ter elle um emprego, quando ao contrario foi esse alguém quem o arranjou.

—E' um despresivel que depois de ter feito um ridiculo papel eleitoral, provou apenas ao mundo que era filho da natureza, ignorando ou fingindo ignorar qualdo o diabo do pae o atirou ao mundo.

—E' um desfructavel que para se ver livreda censura severa que soffreu então das pessoas honestas, tem o displante de querer pôr em duvida a nação daquelle que lhe deu a mão e o fez gente.

—E' uma serpe que morde hoje aquelle, as migalhas de cuja meza livraram-na muitas vezes de socorrer-se á charidade publica.

—E' um provocador maligno que falla em *Alabama e Interesse Publico e Marcos Mandinga*, sem se lembrar do infame que, para escurecer a raça de que provém, escreveu um verso, perguntando si filho de frade era gente.

—E' um homem que aperta a mão de outro, e, por adulação a certo presidente que o admite a servir á meza, chamao amigo de ignorante e mentiroso.

—E' um *ingenuo* que conta sua vida na praça, mas não é capaz de explicar o envenenamento de seu irmão, nem a historia de certa *ferasinha* (filho de peixe é peixinho) que devorou as irmaes que tinha livrado das garras do pae.

—E' um homem sem brios.

Pega-o, onde o encontrares e faz o que te disse.

(Continúa.)

—

—Capitão, um caso que me veio á lembrança publicar, por causa do bando de hontem.

—Que viu?

—Um casamento de carêta.

—Ora deixe-me!

—Casamento digno de ser cantado em prosa e verso, e de ser apreciado por todos os amigos do bom e do bello, como dizem os pregoeiros de leilões.

—Desempate-me!

—Casamento que teve logar no dia do nascimento do Baptista, na capella da Lapa pequena.

—Avie-se!

—Casamento que teve, no coro da igreja, musica tocando o hymno nacional.

—Não masse!

—Casamento que teve repiques do sino.

—Ande com isso!

—Casamento, cujo noivo apresentou-se de collete preto, de gravata azul de chapéu de pasta de vereador, conhecido por trazer uma pombinha, tendo no bico um ramo de oliveira e sob os pés um galho de alecrim que o careta alli collocou.

—E que tem isso?

—Pergunte o V. Ex. aos moleques que de pedradas puzeram tonto ao *pardo Hygino*.

—Cale-se o Sr., que não passa d'uma grande linguarudo!

A PEDIDO

Pede-se ao auctor do escripto publicado no *Alabama* de 29 de junho, sob a epigraphe—Buscapé—que declare, sem rebuço, a quem se refere quando tracta d'uma historia de quinhentos mil reis de carne, e um outro tanto, que se deve a certo carnicheiro, e quem seja esse carnicheiro; e a não declarar pas-

sará por um infame, o vil calumaia-
dor.



—Aspirante pedestre!

—Prompto.

—Chame á falla aquelle barco que
navega ao norte.

—Capitão, é um velho salucho.

—O seu nome?

—Carlos.

—Que bandeira é a sua?

—A dos relapsos.

—De onde vem?

—De Tratantopolis.

—Para onde vae?

—Para Seductoropolis.

—Quem é o capitão?

—E' um velho diabo, de barbas cõr
de pelle de urso, olhos de abutre, gar-
ras de lobo, feições de mono, ventas de
tigre, dentes de crocodilo, orelhas de
jumento, unhas de corvo.

—O seu nome?

—Não quer declarar.

—Intime-o para que diga.

—Obstina-se em não dizer.

—Neste caso, estou que um par de
machos ao pescoço no porão do navio
o hão de fazer fallar.

—Acertou, capitão

—Ao porão com o bregreiro!

.....
—Capitão, metti o *bicho* no porão,
mas não foi capaz de saber-lhe o no-
me. Apenas articulou estas palavras
—vi ar.

—Deixe-o la ficar até desembuchar.
Passe revista ao navio.

—E' um velho casco podre o cheio
de mazellas. Para nada serve.

—Servirá para o fogo.

—O modelo por que é fabricado in-
dica ser destinado a traficancias, con-
trabandos e speculações fraudulentas.

—Vamos á carga.

—Aqui está uma enorme caixa.

—Veja o que contém.

—Uma quantidade de frascos con-
tendo globulos homœopathicos.

—Que mais?

—Alguns vidros contendo ingre-
dientes chymicos e diversas tinturas.

—Adiante.

—Aqui estão dous volumosos cai-
xotes.

—Mande abril-os.

—Estão atupetados de cédulas de
5\$ rs. falsificadas.

—Logo vi que não podia deixar de
andar aqui moeda falsa.

Prosiga.

—Machinas e outros objectos apro-
priados ao fabrico de papel (moeda)

—Além de tantos ladrões que ha
em Latrnopolis, mais este!..

Continúe.

—Diversos massos de cédulas em
branco.

—O que mais?

—Dous grandes volumes manu-
scriptos.

—Leia.

—E' o processo de certo *curandeiro*
implicado em moeda falsa.

—Só?

—Tem mais quatro fardos *charida-*
de fingida para moças desvalidas.

Seis *ancoretas malvadeza.*

Dois embrulhos *impudor.*

Diversas caixas *seducções.*

Dez gigos *prostituição.*

Duas caixas *lubricidade.*

—Nada interessa isso. Veja a lista dos
passageiros.

—São todas moças:

Uma joven de 13 annos que morou
aonde ha *Pés de Dendês.*

Outra de 15 moradora nas *Areias* de
cima.

Duas de 14 mais ou menos que mo-
raram onde o *Saldanha tem palacio.*

Uma moradora na rua que *produz*
mangas.

Tres crias de um engenho pertencen-
tes a um fidalgo.

—Que destino levam estas jovens?

—Ignoro. São talvez seduzidas.

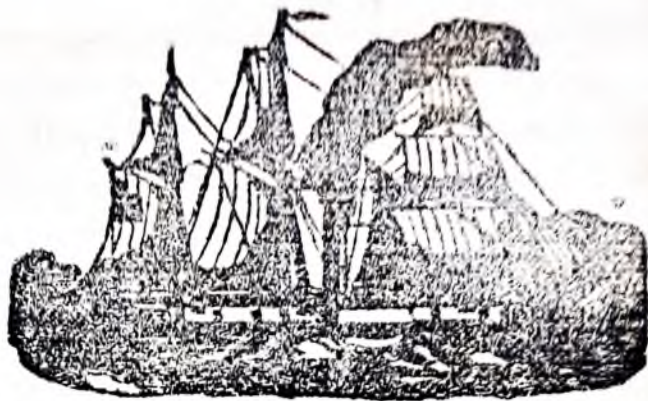
—Examine seus passaportes.

—Não trazem.

—Va buscar o lorpa do capitão para
dizer que destino pretende dar a essas
jovens.

—Já.

(Continúa.)



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 25.ª

BAHIA 4 DE JULHO DE 1865.

N.º 231

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17, a 1\$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 3 de julho de 1865.

Officio á camara municipal communicando-lhe que se acha interceptado o transito na ladeira da Cova da Onça não só pelos muitos barrancos e buracos que alli ha como pela enormidade de lixo de que ultimamente se tornou aquelle logar deposito. Espera-se pois que a Ilma. maude pelos seus ser-ventes remover aquelle obstaculo, visto que a empreza da *limpeza* ainda não funciona.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que nos informam haver na noite de 30 do passado a patrulha prendido á ordem de S. S. a Antonio José da Silva Braga, com taberna ao Caes Dourado nº 71, por conserval-a aberta depois de 10 horas, mas que ao amaahecer estava o referido taverneiro em sua venda, o que parece um *mysterio*.

—Ao Illm. Sr. provedor da Casa da Santa Misericordia.—Tendo se espalhado o boato de que uma recolhida de nome Maria Leopoldina de Mattos, de idade 12 annos, empregada no hospital de charidade, como enfermeira, fôra castigada pela irman de charidade directora daquelle estabelecimento, de um modo pouco digno do sexo e idade da referida moça, tendo-a trancada desde o dia 25 até 28 do p. p., em um quarto escuro, onde antigamente se castigavam os escravos, sendo sustentada a pão e agua duas vezes por dia—torna-se preciso que S. S. informe com urgencia até onde isto é verdade, e a ser, o que deff motivo a tão grosseiro procedimento para com uma pobre moça—em todo caso—digna de melhor tratamento.

Convictos como estamos, que tal abuso, si se deu, foi sem sciencia de S. S., é de esperar que não se negará a dar as informações pedidas, e providenciar como o caso urge.

—Como andam a assoalhar que o *Alabama* insultou ao Exm. Sr. viscon-

do de Jequitinhonha, quando ao contrario foi o unico periodico que nesta provincia o elogiou, por occasião do seus projectos contra a escravatura— temos a declarar que nada temos com quem lê e não intende, porque ninguem escrevo para burros e *legere et non intelligere est burrigere*.

Sirva isto de resposta aos malignos.

—Foi luzida a parada. Esteve bastante concorrida.

Alguns batalhões da guarda nacional, o da Sé por exemplo, distinguiram-se

—E o povo não se esquece de seu dia; a affluencia foi, como sempre, admiravel.

—Merece particular menção o batalhão dos caizeiros nacionaes, que se apresentou, como de costume, nitido e elegante.

—Os homens de cavallo continuam no seu destino; para elles não ha lei, consideração que os detenha.

—E' um desaforo!

—Nos dias em que ha immensidade de gente pelas ruas augmentam os mocos de furia, redobram de galope, e quem estiver em pé que fuja, embora não haja para onde nem tempo pa a correr.

—Ainda hontem, uns engraçados destes (que tinham sem duvida almoçado bem em consideração ao 2 de Julho) pisaram no Terreiro a um pobre preto. Vinham tres ou quatro, de braços dados e de cavallo!

—Tambem na rua Direita de Palacio, um cavalleiro que provavelmente estava carraspanado, deu com o Sr. conego Rodrigo no chão.

—Bem vê que é clamar de balde. Os fiscaes não ouvem, a policia imita-os, o povo soffre.

—Que epocha! A que estado chegamos! Estamos aqui á mercê de nós mesmos: cada um cuide de si que é tempo do muricy.

—E viva a patria!

—A charidade na Bahia parece phosphorica.

—Porque diz isto? Na Bahia ha muitas almas charidosas

—Não duvido; mas talvez sejam do outro mundo.

—Não diga assim. A gente desta terra é conhecida por hospitaleira e charitativa.

—Pois olhe: passei hontem (30 do p. p.) pela ladeira da Praça e vi um pobre velho estendido nas pedras, coberto de moseas; todos que passavam paravam para ver; mas não houve um coração bem-fazejo que o mandasse tirar dalli.

—Então principie por censurar a si, que passando tambem, não foi capaz de praticar essa obra humanitaria

—Mas eu não tinha meios.

—No mesmo caso estavam os mais.

—E authoridades?

—Petarolas!

—Muxingueiro, conheces aquelle diabo coxo que vae alli atravessando os tamarineiros da praça do Commercio?

—Conheço bem aquelle perna de cambão; para ser o *jardineiro* dos «Miseraveis» de Victor Hugo falta-lhe apenas o guiso no joelho.

—Mas vou eu por-lhe uma pedra ao pescoço e nem que o gallego grite por S. João, deixará de encontrar no mar quem o coma

—Que bello! a onça devorada por um tubarão! fica a terra livre d'um monstro; que ventura, santo Deus!

—E que nariz tem o bruto! um tucano apenas o imita com o bico.

—E a cara, capitão! e o corpo! tudo revella manha de burro ronceiro...

—E excede a qualquer bode em lascívia.

—E' um capacho infame, um intrigante miseravel.

—E o patife anda sem ceroulas!

—Pega-o ja, muxingueiro!

Quando chegares, mette-o na cloaca do navio até minha segunda ordem..

—Arre, ladrão! Vaes agora pagar os damnos que tens causado! Arre, patife!

(Continúa)

—Capitão, iô pede venia.

—Temos novidade. Foste ao bando?

—Iô nan gussa di esse; iô gussa de cara limpo, iô gussa de ranca mascra.

—Que viste então?

—Esse fessa de Dôl de Julha qui é? Fessa de liberdare

Mai liberdare ni nome só.

Quim travaia ni liberdare anani di-ze qui ta negro, qui qué forra parente; liberdare um dia só.

—Mas a que vens?

—Iô ja recrama um vez a ossincellence contra esse barbarimo de changó; mai angora sicandalo cresceu Iô pensa qui babiano tem vregonha, mai nan tem. Ossincellence ha de crê?

Babiano ni dia de 2 de Julha bota changó ni rua; e *changó* passa ni Cruze de Passichá, cum seu corrente ni pescoço, ni frente de cavalleiro que precede carro de liberdare, que traze caboca pisando serpente!

Que acha ossincellence desse coincidiamento?

—Nada de mais; é facil ir a escravidão de facto, isto é homiens captivos e agrilhoados a passeio pelas mesmas ruas por onde passa a liberdade de pau.

E' uma verdadeira realidade; o Bra-

zil subjugou a escravidão, sacndiu jugos oppressivos, mas foi in mente; teve desejos, mandou fazer um quadro. E' *realmente* bonito, apesar de anachronico, de ridiculo.

—E trangera qui vê esse fessa; qui vê corxa ni janella, arco ni rua, flor ni peito e armamento de sordado, trangera faze um trisse idéa desse pobre tera qui é turo cheia de contradizimento!

Misera!

A PEDIDO

Requerimento ao Sr. subdelegado das Areias da Penha.

Pedindo providencias sobre um individuo pardo que veiu fugido do sertão, de estatura ordinaria, grosso do corpo, cara bastante larga e descarada, cheia de marcas de bexigas; o qual se acha hemisiado em uma caza á rua da Madre e Gôa, onde tem uma amasia.

Ahi á noite, ajunta-se uma sucia, e fazem badernas de bebedeiras e gritarias, fallando contra todas as authoridades e familias honestas, sendo comparsas dessa cafurna:

O medico das vaccas;

O major lusitano, que sendo empregado no arsenal de Latronopolis, fez bastantes ladroerias, vendendo mastros, e outros objetos do mesmo arsenal a certos negociantes; que sendo subdelegado de certa freguezia, foi dar busca em uma caza que tinha escravos novos, e achando-os fechou os olhos, furtando tres que escolheu e levou para sua caza; o que podia provar o peixe marinho si pudesse sahir do mar;

O réu de policia que ha pouco alapardou uns centos e tantos bicos do amo, pelo que sahiu da casa como bem sabe o feio orangoutango.

O espoleta que compra as garrafas de caxaga.

O negro alcoviteiro, do appellido Fé Santa.

E outros muitos, como diz o jogador devasso, o caloteiro que furtou os cobs da infeliz que lhe cahiu nas unhas, a qual a sustenta, para jogar.

Resultando quando se acaba a tal sucia e bebedeira por alta noite dar o tal mamarrote fugido pancadas na pobre amazia que grita, e incommoda os vizinhos que acodem e dizem ser esse monstro padre, que não vai mais para o sertão por quererem limpar-lhe o vulto pelas boas obras que por lá fez.

A ser verdade que o tal safado é padre, pede-se a S. S. o mande pegar e levar ao Exm. Sr. Arcebispo, para sentar-lhe praça de capellão de alguns dos batalhões voluntarios que vão para o Sul, por amor da classe, e para socego dos moradores dessa freguezia antes que elle se vá esconder em alguma Maraçarás; o que espera-se da energia e actividade de S. S.

A creoula Olavaão inspector do Mocot,

(Continuação.)

—Capitão, eis aqui o celebre barão dos Caranguejos!

—Que cara de santarrão! Onde vê, parece uma charidosa alma, um coração bem formado, uma boa cousa, quando é vil como um cão. É um homem que possue milhões e quando algum infeliz lhe pede uma esmola, tem o desfaçamento de dizer que naquelle dia está sem um vintem.

—Uma vez disse que, si tivesse um sacco, tambem ia tirar esmolos.

—É um ladrão, á imitação do judeu da *Actriz Hebréa*, pobreza apparente, riqueza latente, apesar de ninguém desconhecer o vampyro.

—Fez isto o patife:

Havia aqui um fidalgo, um certo sujeito de S. *Felix* que tinha um engenho em *Bittencourt*, pertencente a

Capimerim. Tinha filhos, de cuja educação cuidou tanto como eu da mulata Paulina, Morreu no anno da victoria dos perús.

Este grande, este barão, unido a outro tratante, um certo *Joaquim* amigo do *Hermenegildo*, fez um testamento falso em que o ultimo foi o herdeiro; o herdeiro vendeu um engenho ao primeiro por cem contos quando valia tresentos ou mais.

E assim mesmo nem esses cem contos pagou o *esperto*; brigou com o cumplice a quem retribuiu com um calote os immensos beneficios da ladroeira, e que viu-se obrigado a ir viver de vender escravos, balda para que dá todo o *olho-vivo*.

E tudo isso, meu capitão, quando os filhos do infeliz senhor de engenho acabavam na miseria, chegando a morrer um a bordo de um navio de guerra!

Eis-aqui quem é este malvado, o poderoso coronel barão dos Caranguejos.

(Continúa)

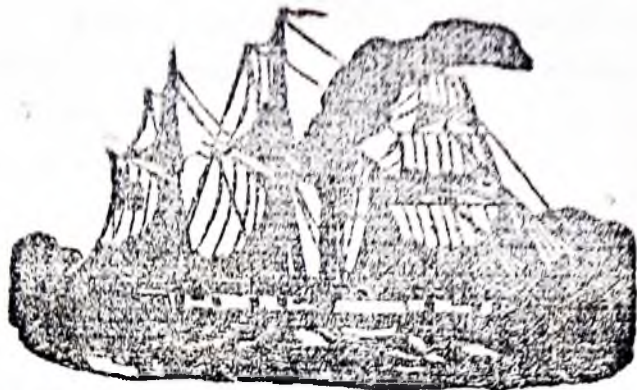
MOTE.

*Nossos peitos, nossos braços
São muralhas do Brazil.*

GLOSA.

Não teme a patria embarços
Nem d'estranhos a fereza,
Quando tem para defeza
Nossos peitos, nossos braços.
D'heroismo indeleveis traços
Viu Cabrito, viu Funil,
Em Cachoeira ao fuzil
Debellou-se a gente má;
O Caibra, o Tupinambá.
São muralhas do Brazil.

Por—*Gaudencio Cezar de Mello.*



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 25.

BAHIA 6 DE JULHO DE 1865.

N.º 252

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17, a 1\$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avuisa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do Alabama 5 de julho de 1865.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe sua attenção para os cavalleiros que continuam a galope a pisar os transeuntes, como ainda hontem no Terreiro um certo Sr. tenente que maltractou bastante uma senhora, que fora á illuminação. E' urgente activar-se o olho dos fiscaes para que cessem taes escandalos e desgraças, o que se espera da energia da Illma.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe que tenha em vista o galope dos cavallos que atemorizam os *peões*; assim como que informe a razão por que se não fez effectiva a prisão ordenada contra um tenente que pisou uma senhora, na noite de 4 do corrente, e tambem o motivo por que se recusam os guardas de policia a prender, dizendo que não estão em serviço, apesar de ser o preso apanhado em flagrante.

(Continuação do Gallego.)

—Dahi por diante, intendeu que devia dividir-se, isto é procurar ter sua metade com quem pudesse repartir seu pedaço de broa, sua sopa d'alhos, seu gostoso unto.

E tantas bichas fez que pegou!

—Como?

—Havia em certa rua feia carcaça, que tinha lindos e azevichados cabellos, lindes e argentinos dentes; em tudo mais, era uma gorgone de fealdade.

Aos domingos, quando por alli passava o gallego (que para namorar substituiu por um de cera o nariz que lhe tiraram) a brucha, da janella, fazia denguiques de embasbacar o mono, que electrizado, cambaleava, a dar topadas sem poder suster-se nos tamancos!

Teve ao depois licença de entrar e começou a levar seus mimos á dousa de seus pensamentos: ora um maço de ganchos, ora seu vintem de sebo, ora um pausinho de areiar dentes, constituíam os presentes do noivado deste pobre diabo. Ainda bem que eram prejaros para as duas lindas cousas que

possuia a furia: os cabellos e os dentes!

Correram banhos.

Casou-se o bruto.

Mais um par exótico a religião abençoou.

A' noite, o gallego deitou-se, cobriu-se e tirou o nariz de cera para que se não inutilisasse.

A mulher esperava que o marido dormisse.

O marido esperava que a mulher se deitasse.

Passado algum tempo, tanto quanto julgou a brucha sufficiente para que o macho dormisse, ella safou a cabelleira que era postiga e tornou-se uma perua pelada! O marido a custo reprimiu um grito de horror, e ella metteu os dedos á boca e deixou sahir uma dentadura completa. O marido encolheu-se mais sob a coberta, como si receiasse o contacto daquella hedionda caveira; e a femea pegou nos seus arreios postigos, abriu uma gaveta e os quiz guardar.

A esse tempo, o marido que lamentava não serem reaes as *duas bellezas* que lhe fizera conquistar o coração da caricata Dulcinéa, resignou-se, fez-se galbofeiro e quando a mulher ia mettendo na gaveta os adornos, bradou elle, safando-se do lençol e entregando a ella o nariz de cera:

— Guarde tambem abi o meu nariz!

(*Continúa.*)

— A companhia da *limpeza* ja trabalha.

— E os empregados hontem (4) ja mostraram para quanto prestam; na Estrada Nova estrearam por furtarem doces.

— E as vassouras?

— Assisti ao seu despacho n'alfandega; são francezas si me não engano.

— O serviço, a continuar como hontem, vae a mil maravilhas!

— Dizem que a empreza vae publicar um edital prohibindo aos caes, aos burros e cavalloos o *sujarem* nas ruas!

— Ah! sendo assim, sim!

— E que contractou com todas as senhoras que tem vestidos de cauda para com ella varrerem as ruas.

— Ah! sendo assim, sim!

A PEDIDO

Officio ao Sr. subdelegado das Areias da Penha.

Pedindo-lhe providencias sobre uma caza de jogo que ha nessa freguezia, pertencente a um tal Simões, na qual se perdem os caixeiros das vendas, os filhos familias e até os escravos. E' um escandalo diario. Reunem-se alli um certo Victor, ladrão de porcos; um empregado da companhia das aguas que deixa o filho pequeno na *fonte*; um *feio* que alli perdeu os 180 bicos que *sumiram-se* do seu bolso; um Joaquim que *faria* mais si não estivesse hoje reduzido a viver á custa da infeliz rapariga, cujos cobres metteu no jogo, resultando-lhe disso uma navalhada, que a moça, desesperada lhe deu; um certo Chico, doente do mal dos *lazaros*, que deixou a mulher por causa do vicio e que vendeu uns cordões de ouro que tomou emprestado para certo baptisado; e muitos outros reus de policia que se espera da energia de S. S sejam remettidos á prisão para dalli pagarem a multa.

O cabelleira boca de bolça.

Ao Sr. subdelegado das Areias da Penha.

Pede-se providencias sobre uma sucia que se reune em certo adro para *maus fins*. Alli interra-se os vivos e desinterra-se os mortos; para os da sucia não ha familia honrada, pessoas de criterio,

authoridades honestas; a honra é um brinco que passa indifferente pela lingua damnhinha das taes viboras. São pernas certas o medico das vaccas; o major luzitano gago; o alcoviteiro Paula Santo; um ladrão dos peixes pescados pelos outros, um tal frei Pedro José. A conversa é animada pelas dôses da branquinha que fornece o Barnabé, que não gosta da graça pelos calotes que leva, como tudo conta o par-do velho linguarudo que dizem ser o rato lesador de certa egreja, e que diz que as familias *romeiras* ja não passeiam por causa das palavradas que alli se profere.

O Padre Eterno da Pedra Furada.

Dá-se um premio a quem mællhor glosar o seguinte motte:

Caveira qu'è de Vicente
E' tenente coronel.

(Continuação do n. 230.)

—Capitão, aqui está o marreco.

—Olá tratantão! Que destino pretendias dar a essas pobres moças?

—E que importa ao Sr. isso?

—Serpente infernal! tens o arrojo de perguntar-me o que me importa isso!

—Não tenho satisfações a dar.

—Aspirante, traga ao convez o muxingueiro, com o calabrote bem ensebado.

—Si ha negocio de calabrote, sou todo humiliação.

—Covarde! para que essa arrogancia, si não passas de um miseravel!

—Agora serei o que quizer.

—Não é agora; sempre foste e serás.

Porém responde: que moças são essas?

E que destino levam?

—Umias vão ao porto da Deshonra e outra á ilha da Perdição

—Conduzidas por ti, infame!

—Não tem duvida, capitão, si esta é a minha condição.

—Onde achaste estas infelizes?

—N'um logar chamado *Intimidade do lar domestico*, onde encartei-me e passei por excellento medico. Alli fingi fazer immensos favores, e procurei tornar-me charidoso, e mostrar um desinteresse á toda prova, o que tornou-me bem-quisto dos chefes do logar.

—Tudo isso com o satanico fim de apanhares as incautas victimas em teus laços infernaes!

—Queria melhorar-lhes a sorte.

—Monstro, não era melhor que deixasses essas infelizes em paz, como viam?

—Mas que havia de fazer si assim me ordenou uma Sra. a quem muito respeito, de nome D. Lascivia?

—Ente abjecto! tu não passas mais do que de um nefando seductor!

E s' cem vezes peor que o tigre, por que este mata logo e devora sua victima, e tu a feres deixando-a ainda com vida e com a chaga vertendo sangue.

O tigre é feroz por instincto, tu és por calculo.

O tigre extingue logo a sua victima porque a sêde ardente e a fome a isso obrigam, e tu deixas a tua com vida para rever-te na tua obra, chacoteal-a, e seres o primeiro a apontal-a com o dedo.

Miseravel, tua presença fatiga.

Levarás por agora duzentas calabrotadas, e depois contarás os meios de que te serviste para seduzires essas miseras coitadas.

(Continúa.)

—Capitão, fui á freguesia de S. Pedro e dei com a Candinha

—Estimo, mas dize-me onde ella mora, e o que estava fazendo.

—Ella mora na rua de Baixo e quando entrei ella estava fazendo a barba.

—Animal ante-diluviano, já viste mulher barbear-se?

—Vi sim, senhor, e tambem vi, que ella era elle.

—Que ella era elle? então como diabo é isto?

—Ella era elle por que estava fazendo a barba, e elle era ella, porque tinha uma saia amarrada no pescoço.

—Então a não ser algum animal amphibologico, de certo é hermaphodita.

O que te disse esse ente commum de dois?

—Ella perguntou-me como me chamava, e eu nem por S. *Gustavo* lhe disse meu nome.

Perguntou-me mais si eu não tinha sobrenome; disse-lhe que tinha, mas que pertencia a uma familia nobre e que só podia usar delle em logares desconhecidos.

Perguntou-me tambem si eu era livre ou liberto; fiquei embaraçado com esta pergunta, meu capitão, porque, si dissesse que era liberto pedir-me-hia a carta de liberdade, eu que a não tenho pela bondade de meu senhor, disse-lhe que era livre.

—Fizeste bem porque muitos como tu affectam de livres, não passando de vis escravos, inda que sejam do governo.

Que mais occorreu?

—Quiz saber si eu era vermelho, genuino; ou ligueiro; respondi-lhe com a sem-cerimonia franciscana do meu costume que era trigueiro—ao que me respondeu que não precisava saber disso porque minha ossuda e destlavada cara o está dizendo.

—Nada mais?

—Perguntou-me com as arrogante o que pretendia; respondi-lhe tambem com ar cor de fabrica de vellas de carnauba: Crear um batalhão de voluntarios da patria.

Interrompeu-me logo perguntando, que direito ou serviços tinha prestado ao paiz para exigir tão subida honra.

Respondi-lhe que ha onze annos pouco mais ou menos, tinha commandado seis centos urubús, e que em todo esse tempo tinha mamado mais de cem contos de reis pela bondade de meus commandados, e pela estupidez de quem me nomeou.

Disse-me ella: Então estás apto para uma commissão da epocha, por tanto concedo-te a graça que pedes, e terá o teu batalhão o numero dos inimigos d'alma.

Curvei a cabeça, e fazendo-lhe uma grande reverencia, como meu senhor ensinou-me no tempo que eu era moleque, ella ficou muito satisfeita.

Perguntou-me por ultimo, si pretendia mais alguma cousa.

Disse-lhe, que somente dez contos de reis para adiantar ás praças do meu batalhão *quando se acabasse a guerra*; promptamente fui servido, e a fallar a verdade, capitão, arrependi-me de não ter pedido trinta ou quarenta contos porque em resumo, recebi os dez contos, paguei umas letrinhas do tempo da amavel Chapada, comprei alguns arranjos para minhas cazas, uns pacau-sinhos, algumas cestas de Porto fino, uns queijitos londrinos, uns devaneios com as bellas jovens... e foram-se os taes dez contos de reis como si fossem arabicos.

—E agora, si pedirem contas dos dez contos e dos roubos que fizeste com os urubús, o que ha de ser de ti?

—Que me importa eu com contas quando mamei os contos?

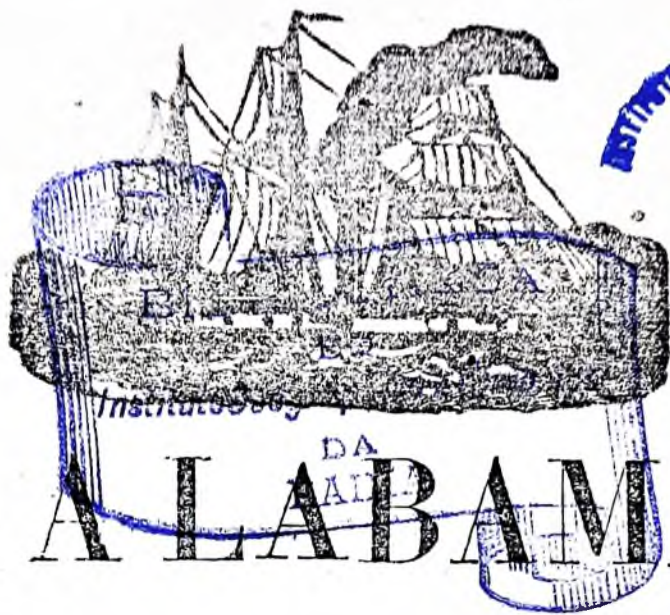
—Fizeste algum adiantamento ás praças do teu provisorio batalhão?

—Adiantamento? E' o que faltava.

O soldado quando vae para a guerra não precisa de dinheiro, o campo do inimigo e os logares por onde passam, é o potosi do soldado, e os que morrem no campo são os que ficam com a carga dos adiantamentos. E no mais, saúde e bichas, quem for tolo ande magro. Adeus!

ANNUNCIO.

Sr. A. M. P., queira ter a bondade de ir á Cruz do Cosme levar o dinheiro do aluguel da caza em que o Sr. morou na rua Direita da Conceição do Boqueirão, sinão quizer passar pelo dis-sabor de ver seu nome por extenso neste periodico.



INSTITUTO GEOGRAFICO E HISTORICO DA BAHIA
18/3/97
BIBLIOTECA

O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHIISTOSO.

SERIE 23.ª

BAHIA 28 DE JULHO DE 1865.

N.º 233

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericórdia n. 17, a 1\$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Principia neste numero a 24.ª serie do *Alabama*.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 7 de julho de 1865.

Officio á companhia da limpeza, pedindo-lhe que lancê suas vistas para a rua que por detraz de Palacio vae dar na ladeira da Conceição, conhecida pelo Pau da Bandeira, a qual parece um verdadeiro esterquilinio, povoado de esteiras, colchões velhos e mais lixo proveniente das varreduras das casas.

- Capitão, noticias.
- Diga-as.
- Embarcou o esquadrão de cavalaria...
- Adiante.
- ... a companhia de artifices...
- Isto é velho.
- ... o resto do batalhão de caçadores...

—Tambem é sabido.

—... e a companhia do sertão, commandada pelo Gualter Martins.

—Não masse!

—Quando iam embarcar-se os caçadores, dizem que um tal official Tanviá deu uma bofetada em um guarda de nome José Clementino, que se demorava um pouco a despedir-se dos seus amigos.

São os officiaes os proprios a desrespeitarem a farda!

—E bontem?

—Embarcou o 23.º batalhão de voluntarios, sem folhas, sem flores, sem foguetes; porém animado e saudado por innumeros vivas, por diferentes poesias e por um excellente discurso do Sr. Porcino Carneiro, que muito agradou á rapazeada de gosto.

—Bom. Que mais?

—No dia 16 festeja-se, em Itapagipe, ao 2 de Julho.

No domingo 9, ha bando; no dia 15 o carro é levado para os Mares, dondo sahirá pela Calçada, Bomfim, Porto, Papagaio, Madragôa, Porto dos Tainheiros, Ribeira, Rosario e Arcial para descansar no Poço.

Dizem que ha illuminação a gaz, por tres noites, assim como boa musica para entreter a gente.

Consta-me que hão de apparecer veteranos uniformisados para pucharem o carro; que o festejo ha de ser bom, graças ao gosto de quem o dirige e à inflorescencia dos rapazes que não perdem vasã.

Ha guardas de honra, batalhões patrioticos, patacoadas enfim.

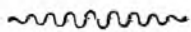
—Que mais?

—A surdez da policia.

—Cale-se!

—Debalde a imprensa brada, denuncia até attentados contra a vida, tentativas de morte, indica o logar, a rua, mostra o numero....

—E quem manda aqui sou eu. Silencio!



—Muxingueiro!

—Prompto, capitão.

—Conheces quem vae alli de galão no braço?

—Não, capitão.

—Pois não conheces um tabareu nazareno, que andava de pés no chão, calças arregaçadas, vendendo louça de barro?

—Não, capitão.

—Um a quem o cunhado, por compaixão, fez caixeiro de taverna, tendo o tratante o desaforo de furtar uns tantos contos de reis para gastal-os com prostitutas?

—Não, capitão.

—Um a quem o mesmo cunhado arranhou em um armazem de carne secca, que elle deixou molhar, deixando-o ir pelo rio abaixo?

—Não, capitão.

—Um a quem certo doutor abonou uns cobres, com que elle abriu uma tranquiubernia, com a qual caloteou diversos negociantes da cidade Baixa?

—Não, capitão.

—Um que já não tendo a quem illudir e calotear, e vendo-se quebrado, tractou de enganar uma viuva que possuia uns dez contos de reis?

—Não, capitão.

—Um que cazou com a tal viuva e em menos de seis mezes botou tudo fora, deixando a mulher ao desamparo, sem mais ir á sua caza, a ponto de a mulher deitar lucto?

—Não, capitão.

—Um tratante, um infame, um destructor da honra das familias, que passa pelas pessoas de quem já recebeu favores, faz que não as conhece e dellas depõe na ausencia?

—Não estou certo, capitão.

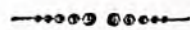
—Um safado que acaba de raptar uma moça honesta, por morar ella junto a uma mangueira que ha n'uma rua calçada?

—Ah! ja sei quem é.

E' um cujo que para não pagar o que deve, diz que certa familia, vindo de Vianira e indo para a Chapada, lhe ficou devendo um conto e tanto, quando tal não ha; é um quidam que por pedidos do *Gregorio* e por milagre de S. José arranhou uma banda de seda, com a qual intende que é cousa no rol das cousas.

—Pois bem, muxingueiro! Vae ter com o *Cardoso* que te dirá ende está o patife, a quem trará a minha presença, para ser recebido com as formalidades do estylo: taca, machos, tronco, goliha e porão.

—A's ordens.



—Capitão, eu quero contar ao chefe de policia um caso.

—Pois vá á rua do Bispo, e procure a secretaria de Policia que la ha de a-chal-o.

—Ha na rua do Castanheda uma cer-

ta mulher, de nome. (o nome quem pode dizer é Sinhá Maria, ou Sinhá Vicencia) a mulher é infeliz, é uma pobre mulher; tinha seu amante a quem estimava. Este queria casar e tractava de descartar-se da amasia; tanto fez que mudou se definitivamente da caza della, indo só visital-a de quando em quando.

A pobre e pobre de sp'rito foi ter com um negro feiticeiro que mora na mesma rua e contou lhe o facto, pedindo um remedio para elle voltar.

O negro pediu a roupa do moço que a mulher nunca poudo conseguir. Combinou-se em que seria o remedio applicado á comida e assim se fez. Houve porem uma *differença*; é que o moço, em vez de voltar, empinou-se para o outro mundo depois de ter deitado muito sangue pela boca.

Agora quem é o culpado?

A mulher? O negro?

A mulher tem uma culpa: sua ignorancia.

O negro tem crime: a inacção da policia.

A policia é que é a culpada; os candomblés regorgitam, até dentro da cidade; lavra a crença dos milagres do santo vudúm; o dar ventura é meio de vida de todo peralta *sabido*, e . . . esta Bahia, esta terra das condescendencias, das contemporisações e das demoras, é um paraíso de delicias; vive-se aqui em tão santa paz que o ocio faz somno até a quem deve velar pela segurança publica!

—Ora pipocas!

A PEDIDO

(Continuação.)

—Sei muito da vida deste maganão. Falla e manda fallar em Cuba e Hava-

na; enche e manda os seus encherem as bochechas de *União Africana*, e este *cujo* fez o seguinte;

Tinha relações com a Havana e recebeu d'um seu correspondente, D. Gaspar, a ninharia de MIL E QUATRO-CENTOS escravos, cujo valor poz no peito, desgraçando ao infeliz dono que veio aqui acabar na miseria, morto á fome e frio, nas lages da rua!

—E o poderoso coronel viu impassivel a desgraça de seu socio! Que coração de monstro!

—Isto é capaz de mais.

Ouçá: Um dia a mulher gastou dezeseis mil reis em caza, sem sciencia deste usurario, e elle descompoz, isto é insultou a mulher, maltractou-a talvez com pancadas, fez o diabo a quatro e obrigou com seus maus modos a mulher a sahir de caza.

O sogro horrorisou-se e julgou necessario um divoreio; mas a fera, o crocodilo chorou e fez com que a mulher quizesse tornar á caza; pelo que, apaixonado, o sogro morreu.

—Que miseravel! um millionario maltractar a mulher por 16\$ rs.!

—Ora! O homem, n'uma quinta feira Santa, mandou quatro vezes um portador ao Rio Vermelho para ver *quatro libras* de peixe que elle encomendara!

—Que ridiculo! E provavelmente tinha visitas! E' que elle recorreu talvez aos caranguejos.

Alma vil!

—Atenção! Este barão de *Iama* ou dos Caranguejes tem o louvavel costume de dar dinheiro aos filhos-familias ricos, á rasão de duzentos por cento; o que lhe não torna pequenos os lucros. Ainda ha pouco deu neste sentido dous contos de reis a um moço filho da cidade de Adães, e quere-

de o pae pagal-os com os juros da lei, o poderoso não o quer, com speranza de receber os seis contos no fim das contas!

—Que ladrão!

—Ha aqui um casal d'um italiano marceneiro, que tem sido desfructado por todos os ladrões; o barão de Caranguejos quiz tambem roer o osso, e foi a um infeliz herdeiro, que, necessitado, fez com elle uma transacção, chegando a comprar-lhe o avultado quinão por uma ninharia!

Felizmente parece que Deus, como sempre, vae a escrever direito por linhas tortas; consta-me que o sujeito tomou uma furiosa bomba!

—Que lhe não tivesse esmagado a cabeça!

—E é uma serpe venenosa, furiosa papa-pintos que, como já se disse, vive a caçar rolinhas.

O patife tem presentemente em casa uma coruja harpya e duas pombinhas sob o dominio seu; tem honras de Pluto-Plutão-Jupiter.

—Explique-se

—E' feliz por que é mau, por que é rico, por que é devasso.

A velha que perdeu as meninas, extasia-se ante a *lauta* mesa que apresenta o somitego *quaker*, e as honras que lhe faz é protestar contra a lingua dos que dizem que o homem só come por que tem fome!

(Continúa.)



MOTE.

—Cavei 'a qu' é de Vicente
E' tenente-coronel.

GLOSA.

Tem chilena de corrente,
Bifada la na Chapada,
Essa cara deslavada,
—Caveira qu' é de Vicente;
Figura agora de gente,

Quando vae para o quartel,
Leva no bucho um tonel;
Qualquer negra é sua tia,
Por desgraça da Bahia
E' tenente-coronel.

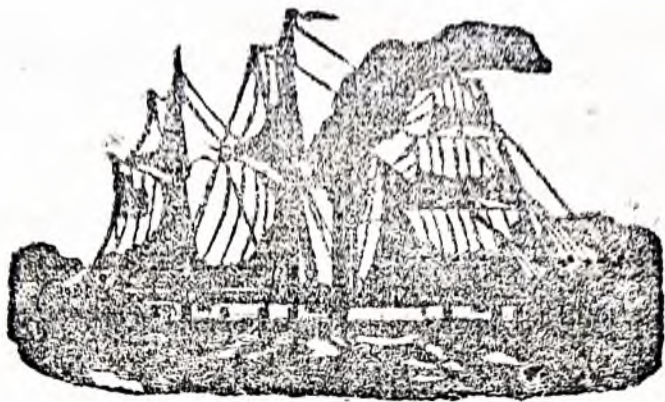
ANNUNCIOS.

Frei Francisco da Natividade Carneiro da Cunha,—embarcando-se, hoje 6 do corrente mez no vapor inglez *Ptolemy* da linha de Liverpool, com direcção a côrte, e d'ali, pela guerra com o Paraguay, retirando-se para o Rio Grande e para onde quer que o dever e o destino o chame e obrigue-o a estar fixo ou ambulante no seu cargo ou posto de capellão do 23. batalhão (3.º d'esta provincia) de Voluntarios da Patria,—sente sobremodo e cordialmente não poder despedir-se das pessoas que lhe merecem sympathia, consideração, estima e amizade, em consequencia de constituirem ellas um crescidissimo numero e de dispor o annunciante de pouco tempo, sempre na vacillação de ser a sua viagem d'um para outro dia, a espera só de qualquer vapor nacional ou estrangeiro: pedindo a todos mil desculpas por essa involuntaria e inevitavel falta offerece-se-lhes para quanto possa ser-lhes favoravel e util, no circulo acanhado de seus prestimos, anhelando regressar a esta capital, que é a cara terra de seu berço, logo que esteja concluida a lucta e convenientemente desaffrontada a dignidade e honra nacional.

Aviso Patriótico.

O abaixo assignado Commandante do Regimento Patriótico—*União Brasileira*—convida a todos os Brasileiros para que se reunam no largo do Terreiro de Jesus no dia 9 (domingo) ás duas horas da tarde, vestidos de calça, palitot branco, gravata preta e chapéu de palha da terra enfeitados com folhas nativas para acompanharem os carros—Emblemas da nossa Independencia. Bahia 3 de julho de 1865.

Antonio Olavo da França Guerra.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CUSTOSO.

SERIE 24.

BARRIA 11 DE JULHO DE 1865.

N.º 234

Publica-se na typographia de Marquês, Aristides e C., à rua da Misericórdia n. 17, a 17 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 10 de julho de 1865.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que mande fazer os reparos necessarios na escadinha do Uubão, logar por onde passam as pessoas que tem de tomar banho, a qual se acha em pessimo estado depois das chuvas de abril que fizeram alli correr a terra.

Espera-se ser attendido.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, enviando-lhe, para ser lida, a seguinte publicação do *Progresso* de 22 de junho do corrente anno, que até hoje provavelmente não chegou ao alcance de S. S.:

«Sr. Redactor.—No dia 23 do mez de janeiro deste anno tive a infelicidade de perder meu filho Thimoteo Fernandes barbaramente assassinado com dous tiros! Sou pobre, e esperando pela justiça humana, sem resultado, de liberei-me a denunciar dos matadores de meu filho, dous dos quaes estavam presos, e confiava que pudessem ser

soltos só depois de ouvida e recebida a prova vigorosa, que contra os mesmos me propunha a fornecer.

«N'esse sentido requeri; mas o Sr. Dr. juiz municipal, delegado de policia do termo da Purificação competente para formar a culpa, não quiz despachar minha humilde petição que me informaram ter cabimento em vista do que dispõe o art. 270 do Regulamento n.º 120.

«Não entendo de leis; mas faltando-me justiça e autoridade humana, do meu recolhimento recorro para a justiça divina, unica que não falta com o castigo a quem o merece por suas culpas.

A' rogo da Sra. Anna Joaquina Pereira do Lago. — *Jeronymo José de Cerqueira.*»

Espera-se providencias a respeito, até por que S. S. depois das reclamações do *Interesse Publico* que lhe dá elogios, foi á villa do Condo para fim identico, bem que o assassinado fosse homem rico e o de que hoje se tracta era um miseravel, cuja mãe appella, exasperada, para a justiça divina.

—Ao mesmo, communicando-lhe que na rua da Lorangeira ha um preto africano, que vive de *dar ventura*, advi-

nhar e curar de feitiço aos credulos e supersticiosos que alli vão em grande numero, chegando elles a persuadirem-se que o tal negro tem o poder de evocar os mortos para virem fazer revelações. E como semelhante abuso não deve continuar, pede-se a S. S. providencias.

—Ao Sr. subdelegado da Sé, pedindo-lhe providencias, contra os escandalos que se praticam no sobrado n. 5 ao Maciel de cima, cujas moradoras vivem em continua deshonestidade, sem respeito ás familias que por alli moram, além de que provocam e insultam não só aos visinhos, como as pessoas pobres ou maltrajadas que por alli passam, atirando-lhes agua, cascas de canna e outros objectos; o que não deve continuar.

—Ao Sr. subdelegado de Sant'Anna, chamando sua attenção para o beco do *Pombal* á ladeira da Saude, onde ha constantemente desordens e palavras injuriosas proferidas por algumas mulheres de condição má que alli moram.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe pela 2.^a vez que vá á ladeira do Alvo, caza da Açucena e intime a essa mulher depravada que cesse os escandalos que em sua caza tem logar, sob pena de ser conduzida ao porão, para levar a dôse do costume. Cumpra.

~~~~~  
—Foram levados os carros á Lapinha.

—E' velho; foram acompanhados por tres batalhões patrioticos: o Minerva, o Caixeiros Nacionaes e o União Brasileira que estavam todos elegantes.

—E viva a patria!

—Não sei que diabo de invalidos são estes tão fortes!

—Quaes?

—Os da fortaleza da Barra.

—São artilheiros, são robustos.

—Mas é para andarem pelos quintaes alheios a furtarem gallinhas!

E isto é o que me parece que não está nas ordenanças militares.

—Emfim, Sr., haja-se com o commandante da fortaleza que é o responsavel pelos abusos.

—Capitão, na madrugada de 9 do corrente, ouvi furiosa gritaria na rua onde moro, beco da Agonia, e chegando á janella vi que eram batuques de negros africanos; o mesmo contou-me um amigo meu que mora la para Santo Antonio. Além de ter extranhado a hora do brinquedo, fiquei a scismar depois da noticia do amigo, em cuja caza me achava.

Nisto passaram cinco praças de policia a cavallo, isto é um cabo do corpo policial e quatro guardas do 3.<sup>o</sup> da guarda nacional. Achei que havia novidade, mas disseram-me que aquillo era provavelmente substituição da cavallaria, com o que concordei. Mas logo depois trouxeram-nos a noticia de que houvera *levante* na fazenda do Sr. barão do Rio Vermelho, rasão por que estava a policia em movimento.

—Bem; que quer agora?

—Eu? eu nada.

Eu sei muito bem que o povo não tem medo d'uma insurreição; que os negros, si nella pensam, pensam mal; mas não queria, pela minha parte fechar a porta depois de roubado.

—Feche-a antes.

—Fecho-a sempre; mas ás vezes ha necessidade de sabir á noite, faz-se uma viagem, volta-se do theatro, vae-



se à missa de madrugada, vem-se d'um *ponto*, o bem vê V. Ex. que é mau o encontro com meia duzia de estupidos malvados, ou mesmo de ignorantes justamente indignados.

Achava portanto bom que houvesse alguma providencia, isto é que a auctoridade, energica, activa, prudente, dotada de tino como é, providenciasse em tempo.

—Sim, Sr., está bem servido; mas deve dirigir-se immediatamente ao chefe de policia que é quem está encarregado de velar pela segurança publica.

—A's ordens.

—Não se pode deixar de clamar!

—Que é que houve?

—Quando se falla dos fiscaes, elles reclamam e dizem que sendo pobres tem honra.

E o que é certo é que os abusos que praticam são tantos, tão repetidos e de ordem tal que a classe foi inteiramente condemnada á censura.

Em toda a regra ha excepção, é verdade; ha caracteres honestos entre os fiscaes, mas é que o publico colloca na mesma escala o fiscal, o meirinho, o aguazil.

—Mas a que vem a sua dissertação?

—Vem para dizer que os abusos continuam; vem para dizer que talvez por escrúpulo, o fiscal torna-se excessivo.

—Mas cite um facto, diga ao que se refere.

—No dia 7 do corrente, ás 6 horas da tarde, o fiscal da freguezia do Pilar fez uma multa, justa talvez, mas. . . .

O caso foi este:

Uma crioula estava a vender pamonhas e com o taboleiro no collo sentou-se no passeio da rua da Mangueira; chegaram porém uns tabareus a vender pi-

mentas e a rapariga, largando o taboleiro no passeio, foi ter com os tabareus; a esse tempo chegou o fiscal e prendeu a preta, que pediu ser levada á uma caza para pagar os 4\$ rs. de multa.

O fiscal não cedeu e mandou-a para a correcção, apesar das considerações que lhe fizeram diversas pessoas presentes.

—E que queria? Quem infringe a postura ou paga a multa ou recolhe-se á cadeia.

—Sei disso, mas a crioula ia pagal-a. E depois a *infracção* não era tão grande que merecesse tanto rigor.

O Sr. fiscal sabe bem, porque deve ter visto, que aquelle passeio vive constantemente occupado por innumeradas barricadas de farinha de trigo, pertencentes ao Sr. Severo Chamusca. . . .

—Ah! . . . . .

—Eis ahí porque se diz que os fiscaes só multam a negras pobres, a tristes quitandeiras.

—Calemo-nos!

---

## A PEDIDO

---

—Quem é a sombra de Malhaide?

—E' o espectro de um sujeito assim á especie de camaleão, que se transforma milhares de vezes; é serpente que larga a casca quasi todos os dias.

—Pois olhe, depois de muito elogiar um homem que lhe mandava diariamente dinheiro, isto é todas as vezes que precisava, quer dinheiro por conta dos elogios que o homem não encommendou, e isto dizendo que fez favores, que deu elogios de graça.

—Assim como agora dá descomposturas por dinheiro.

—O que prova que é um espirito pequeno; uma especie do cofre sorve-



dor em que não cabe dinheiro que chegue para saciar a gana.

—Pois a esse tafal é preciso que o capitão do *Alabama* mando pegar para mettel-o no porão do seu inexpugnável navio.

—Que presa!

E' um homem que despresa agora o favor que lhe fizeram de emprestar tres contos de reis, quando naquella epoca o fizeram elles ter uma indigestão de louveres.

—Pois não sei! E' um magano que enviava diariamente bilhetinhos pedindo esmolas á pessoa, a quem hoje injuria em publico.

—Sim, Sr. O homem é dos taes que allegam os favores que fazem; lembra se sempre d'um *pirata*, quando ha por ahi tanto *pirata* ingrato que se diverte em apunbalar a honra dos que o livraram de uma prisão, por exemplo, em Santa Pelagia; dos que o livraram de andar de calças na mão, destruida a pouca fortuna, graças ás extravagancias d'um velho mestre de escola, que se não condõe dos innocentes filhos, a quem poderia legar melhor futuro.

—Pegue o sujeito.

—Teve o desaforo de dizer que alguem veio para aqui imberbe e fallar em falta de brio, como si podesse fallar em brios o homem que, dizem, renega a sua patria.

—Sim, Sr.! um homem que accusa os mais sem se lembrar das accusações que lhe fazem.

Por exemplo: o ter vendido os typos e as ideas; o ter defraudado orphãos; o ter abusado da honra das familias; o ter esbulhado e devastado a fortuna dos amigos que defende.

—E vem a inventar historias em que elle anda dando *passos*, quando apenas

o que ha é fome, fome, fome de ouro, ouro e só ouro!

Pegue-me ja o tratante!

(Continúa.)

—-----

MOTE.

—*Cavei-a qu' é de Vicente*  
*E' tenente-coronel.*

GLOSA.

Tem cabeça de serpente,  
Incha qual camaleão  
Na frente do batalhão  
—*Caveira qu' é de Vicente;*  
Pelo gesto, pelo dente,  
Denota ser papa-mel,  
E p'ra gloria de Lusbel,  
E desgraça da Bahia  
Tal abutre, tal harpia  
*E tenente-coronel.*

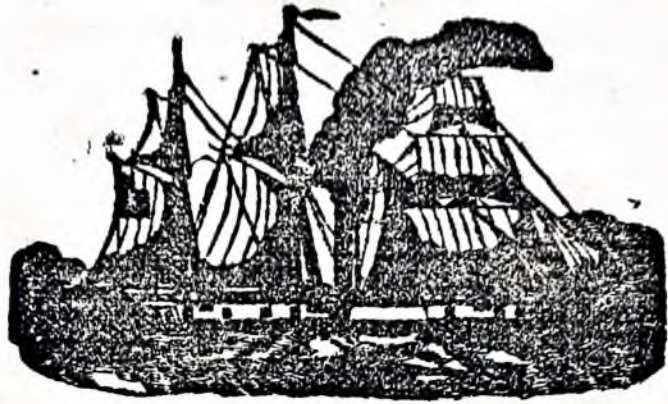
---

#### ANNUNCIOS.

---

Frei Francisco da Natividade Carneiro da Cunha,— embarcando-se, hoje 6 do corrente mez no vapor inglez *Ptolemy* da linha de Liverpool, com direcção a côrte, e d'ali, pela guerra com o Paraguay, retirando-se para o Rio Grande e para onde quer que o dever e o destino o chame e obrigue-o a estar fixo ou ambulante no seu cargo ou posto de capellão do 23. batalhão (3.º d'esta provincia) de Voluntarios da Patria,— sente sobremodo e cordialmente não poder despedir-se das pessoas que lhe merecem sympathia, consideração, estima e amisade, em consequencia de constituirem ellas um crescidissimo numero e de dispor o annunciante de pouco tempo, sempre na vacillação de ser a sua viagem d'um para outro dia, a espera só de qualquer vapor nacional ou estrangeiro: pedindo a todos mil desculpas por essa involuntaria e inevitavel falta offerce-se-lhes para quanto possa ser-lhes favoravel e util, no circulo acanhado de seus prestimos, anhelando regressar a esta capital, que é a cara terra de seu berço, logo que esteja concluida a lucta e convenientemente desaffrontada a dignidade e honra nacional.





# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 24.ª

BAHIA 13 DE JULHO DE 1865.

N.º 235

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1/2 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 12 de julho de 1865.

Offício ao Illm. Sr. Dr. chefe policia, pedindo-lhe providencias sobre o estado de segurança da freguezia da Penha, que ficou encarregada a uma só patrulha, succedendo que em quanto está ella nos Mares por exemplo, pode acontecer o diabo no Bomfim, no Papagaio, na estrada da Vargem, na Madragoa, no Rozario, na Ponta d'Areia, no Porto dos Tainheiros, e no Poço, logares que são bastante distantes um do outro.

Espera se pois ser attendido n'um tão justo pedido.

—A' companhia da limpeza, pedindo-lhe sua attenção para a maneira porque se procede á limpeza da cidade. E' bastante irregular, feita com má vontade polos empregados e no meio de insultos ás pessoas que levam o lixo; acrescendo que estando o cisco ás portas, os carroceiros o não vão buscar, pelo que torna-se necessario que quem não tem escravos pague a quem o conduza. Escapatoria que é impossivel que se cê, visto que não é de suppor que o

presidente liberal que fez o contracto quizesse onerar com tres impostos sem proveito ao povo desta cidade.

—Mais um escandalo no hospital da charidade!

A *superiora* botou para fora um doente porque, sem comer ha quinze dias, pediu um pão!

E o homem teve de sahir com o caustico aberto, graças á *charidade* da digna filha de Vicente de Paula!

—E quem é este homem?

—Chama se Emiliano Teixeira do tal; vi-o agora, na santa casa, á espera do Sr. provedor a quem foi reclamar contra o despotismo da *humilde* catholica, que *faz charidade* por dinheiro!

—E estará com effeito doente?

—Tão doente que em quanto não pediu pão, esteve no hospital e está com o caustico aberto; tão doente que os medicos, entre elles o Sr. Dr. Januario, attestam sua molestia.

—E' provavel que o charidoso provedor condoa-se do homem.

—Ora vejamos...

—A *limpeza* vac em termos.

—Pois não! O art. 8 do contracto diz que em horas fixas se ha de receber o lixo; o edital do Sr. Costa Guimarães



diz que ha de ser das 4 ás 8 horas da manhã, e os *carroceiros* andam á qual-quer hora (o quo não faz mal ao publico) porém fazendo feia cara a quem lhos apresenta eisco e ás mais das vezes não o recebendo!

—Isso é o menos. O art. 6 diz que os depositos de lixo são o Garcia, o Retiro, o Cabula, Coronel, o Engenho da Conceição, e a Massaranduba; o Sr. Costa Guimarães annuncia que só em taes logares pode o lixo ser depositado, e os carroceiros andam *entulhando* o Barbalho e toda a estrada da Quinta dos Lazaros!

—Procedimento inqualificavel contra o qual se deve reclamar com insistentia e energia.

—Reparando Vm. que tal culpa não é da direcção, é apenas dos homens dos carros que tem preguiça.

—Não sei, não sei! Si a culpa não é da direcção, ella que faça o que deve, sabendo desse abuso. Si a culpa é sua, o Exm. Sr. vice-presidente que attenda para a maneira escandalosa porque se *pretende* cumprir o contracto.

Tinha que ver!

Sendo assim, era um soffrivel *mangelorum* . . . .

Não basta talvez a *reducção* de lixo, da immundicie, a significação despropositada que se deu a materias putresciveis . . . . .

Não basta!

—Homem, espere pelo que se faz, para ter então rasão de fallar; por ora silencio!

---

### VARIEDADE.

---

#### Carta dos habitantes do Vimeiro a lord Wellington.

Illm. Exm. Sr.—Depois que V. Ex. fez ir de escantilhão para a França o sanfarrão Junot, tendo-o posto em papos de aranha nos campos do Vimeiro; depois que V. Ex. fez sahir com vento debaixo o ladino Soult da cidade do Porto, fazendo-o fazer vispere e ir com as calças na mão para Castella; depois que V. Ex. disse ao zanaga Massena: Alto lá, Sr. Macario; e jogando o jogo

dos sisudos lhe mostrou as linhas com que se cosia, fazendo-o dar ás trancas e apanhar pés de burro por ter dado com as ventas n'um sedeiro; depois que V. Ex. fez ir de catrambias a Berrier, da cidade de Rodrigo, e ao caxola Philippon limpar a mão á parede em Badajoz como quem diz: Pássa que não me viu e tendo o Tem-te Maria, para que não caias; depois que V. Ex. finalmente, nos campos d'Amapiles, zas, tras, zas, nó cego, desazou o macambuzio Marmont e o obrigou a contar sua derrota p-a, pa, santa Justa, tintim por tintim: foi então, Exm. Sr., que nós, os pés de boi, portuguezes velhos dissemos: Este não é general de cacaraeá, tem amoras, não faz cancaburradas, não deixa fazer o ninho atraz da orelha; e como prudente, umas vezes accommette e outras põe-se de conserva. Agora podemos dormir o somno solto; o nosso medo está nas malvas; a vida do inimigo será dia do S. Nunca á tarde. Portanto só resta agradecer a V. Ex. a visita que nos fez, que desejamos não seja de medico nem com o pé no estribo, devendo saber V. Ex. que estes desejos não são embofias nem parolas que leve o vento, mas sim ingenuos votos de corações agradecidos e leaes, com os quaes tem a V. Ex. erguido com tanta justiça um throno de amor e respeito.

(Extr.)

---

### A PEDIDO

---

—Eu quero metter uma *vela de breu* nesta *ca-neca* frunchada: quero ver si produz uma detonação, quero ver si assemelha-se ella a uma *bomba de Orsini*.

—E' cousa facil; veja uma *cabeça de carneiro*, introduza nella a tal vela, meta tudo dentro da caneca, tape bem o buraco e verá o fim.

Dos estilhaços sahirá uma infinita variedade de seres, a saber:

D. Infamia eleitoral, vestida de medico, curando um boi;

D. Impudencia clerical, vestida de padre, porém substituindo a Satyro e a



# O ALABAMA

(SUPPLEMENTO.)

## O ALABAMA.

— Capitão, noticias do Sul.

— Vá dizendo.

— S. M. o imperador resolveu partir para o Rio Grande do Sul a bordo do vapor *Santa Maria*.

A camara dos deputados e o senado foram em commissão felicitar S. M. por este rasgo de heroismo.

Foram adiadas as camaras para 4 de março.

Foi nomeado ministro da marinha o Sr. deputado Francisco de Paula da Silveira Lobo.

Estão nomeados: presidente da Bahia o Sr. Dr. Manuel Dantas e chefe de policia o Sr. Dr. J. J. de Oliveira Junqueira.

Presidente do Rio Grande do Sul o barão da Boa-vista.

Foi reformada o Sr. coronel Francisco Telles de Menezes Vasconcellos por sofrer molestia incuravel.

Bem diz a escriptura que os primeiro serão os derradeiros.

O Dr. Sodré que foi em ultimo logar no concurso para a cadeira de physiologia, foi escolhido lente.

A batata de tabellião das hypotheças da capital, pela qual tanta gente andava ao faro, coube ao Dr. João de Aquino Gaspar.

Falleceu no acampamento o capitão da nossa policia Ireneo Gentil Gomes.

Foi nomeado o juiz de direito Joaquim Tiburcio Ferreira Gomes para a 2.<sup>a</sup> vara crime desta capital

— O que ha mais?

— Noticias do Rio da Prata.

Ouçã:

No dia 11 do p. p. houve um encontro da nossa esquadra com a paraguay, do qual a marinha brasileira sahiu coberta de gloria.

Só a corveta *Parnahyba* teve que repellir o ataque de tres vapores inimigos.

O 1.<sup>o</sup> tenente Coimbra, commandante da *Iguatemy*, ferido gravemente, teve que entregar o commando ao seu immediato o 1.<sup>o</sup> tenente Pimentel. Poucos momentos depois de estar este dirigindo o combate, uma bala de artilharia levou-lhe a cabeça. Então tomou o commando do navio um joven official de 20 annos de idade, portando-se com a maior pericia e bravura até alcançar a victoria.

Oitenta e duas peças paragnayas inclusive 30 raiadas de uma bateria romperam fogo sobre a nossa esquadra.

Os cascos do *Jequitinhonha*, *Belmonte*, *Amazonas* e *Parnahyba*, todos crivados de balas, ficando o primeiro inutilisado, a morte de varios officiaes de mar e terra, de 3 guardas-marinhas, 200 praças de marinhagem e tropa, entre mortos e feridos e extraviados, attestam o valor dos nossos.

O chefe de divisão Barroso, o primeiro no commando, foi tambem o primeiro no arrojo e no valor. Com o *Amazonas* metteu elle a pique tres navios inimigos em quanto a artilharia paraguay a lhe varria a coberta.

Os paraguayos perderam os vapores *Taquary*, *Paraguay*, *Salto*, *Jejuy* e *Marquez de Olinda*, e 6 chatas, todos os officiaes superiores, inclusive o chefe de esquadra capitão de mar e guerra Mesa, grande numero de prisioneiros, toda a artilharia de bordo, bandeiras, munições, etc., etc.

O commandante do *Marquez de Olinda*, Robles, prisioneiro e ferido, depois de receber os curativos arrancou com os dentes as ligaduras, deixando-se morrer.

Depois do combate do dia 11, teve ainda a nossa esquadra de ostentar altivo o pavilhão nacional, forçando ga-



lhardamento a passagem de nma bateria paraguaya situada duas leguas abaixo do Riachuelo, na costa denominada de Mercedes.

Esta bateria tinha por objecto bloquear a nossa esquadra, impedindo a sahida dos navios que lhes fosse levar viveres e munições.

O local era perfeitamente escolhido para esse fim, sendo abi o canal estreitissimo e dominado inteiramente pela barranca, onde, além de um numero consideravel de canhões, se achavam entrincheirados 2,000 homens de tropa.

Na manhan do dia 18 poz-se em marcha toda a nossa esquadra, á excepção do *Jequitinhonha*, levando a reboque as quatro chatas tomadas ao inimigo. Ao aproximar-se a bateria rompeu um vivissimo fogo de artilharia de parte a parte, conseguindo os nossos navios forçar o passo com poucas perdas, apesar da incessante fuzilaria que partia da barranca, e havendo desmontado varias peças do inimigo e causando grandes estragos na gente.

Infelizmente temos a deplorar a morte do capitão-tenente Bonifacio de Sant'Anna, commandante do vapor *Beberibe*, morto de uma bala de fuzil quando ja se achava a quem do passo.

Morreram dous marinheiros e foram feridos de seis a oito.

Corria em Buenos-Ayres que Lopez havia chegado a Corrientes com um reforço de 12,000 homens.

Da Consordia havia noticias em Buenos-Ayres até 27 do corrente.

A 23 haviam começado a passar as nossas tropas do *Daiman* para aquella cidade.

As noticias de *S. Borja* confirmam a tomada dessa villa no dia 16. A guarnição que alli se achava e os voluntarios do Rio de Janeiro depois de uma heroica resistencia de cinco dias conseguiram burlar a vigilancia do inimigo e retirar-se para *Itaqui*, reunindo-se antes ás forças do coronel Fernandes, que se achavam no passo do *Butin* sobre o rio Santa Anna.

Os paraguayos passaram grande copia de petrechos de guerra, e se dirigiram ultimamente sobre Itaqui. O coronel Fernandes que os observava não deixava destacar-se partida alguma, e nem os invasores encontravam cavallos ou viveres em toda a circumvisinhança de S. Borja, havendo-se feito recolher tudo no centro da provincia.

No dia 9 chegou Lopez a Humaylá a bordo do *Tacuary*, com seu estado maior e uma força numerosa em 11 vapores. No dia seguinte baixaram todas as forças á terra, excepto as destinadas á abordagem da esquadra imperial, e Lopez estabeleceu o seu quartel general na fortaleza. Ficaram em Humaylá apenas os vapores *Rio Branco* (inutil), o *Paraná*, muito pequeno, e o *Olimpo*, antes brasileiro *Anhambahy*.

—  
*Relação dos officiaes d'armada e do exercito mortos e feridos no combate de 11.*

*Do Jequitinhonha:*

Guarda marinha Lima Baros, morto.  
2º tenente Lacerda, ferido.

1º tenente Freitas, dito.

Guarda marinha Castro Silva, dito.

*Da Parnahyba:*

Capitão do 9º Pedro Affonso Ferreira, morto.

Tenente do 9º Ignacio Maia, dito.

Guarda marinha Greonhalgh', dito.  
2º cadete do 9º Pacheco, dito.

*Da Iguatemy:*

1º tenente Oliveira Pimentel, morto.

1º tenente commandante Coimbra, ferido.

Alferes Everton, dito.

*Da Belmonte:*

2º tenente Texeira Pinto, morto.

1º commandante interino Abreu, ferido,

*Da Mearim:*

Guarda-marinha Torreão, morto.

1º cadete Cesar Loureiro, morto.

Tenente Uchoa, ferido.

Alferes Sa Barretto, ferido.



Baccho, tendo n'uma mão uma garrafa e na outra um *vu*, já celebre;

Um *amorzinho* com azas de baleia accendendo a pyra com azeite de peixe e tendo por emblema o cynismo;

Um major luzitano, tendo um embrulho contendo dinheiro das *bellezas* feitas em certo arsenal e tendo na frente um grande L;

Um mono *feito*, digno de figurar na exposição por nascer *capado*;

Um carnicheiro e outros muitos *ejusdem farelli* que trarão por emblema a calumnia vendida por *droga*.

—Que grupo funesto!

Tal combinação por tanto não pode ser bomba, é antes a boceta de Pandora que se vae abrir por sobre o desditoso Itapagipe. . . .

Quod Deus avertat!

O melhor é atirar com estes cacos velhos ao fundo do mar.

Muxingueiro, esta *vela de breu*, esta *ca-neca* ou carranca frunchada e esta cabeça de boi mongu. . . .

—De boi não, de carneiro. . . .

— . . . esta cabeça de carneiro são prejudiciaes á saúde publica; mas como é prohibido deitar ao mar, visto não ser elle deposito de lixo, leva á companhia da limpeza para as deitar no monturo da Massaranduba, que ao menos serve de cemiterio para certos homens sem brio.

### Atenção.

Eu fui á Ordem Terceira  
E vi lá um certo Zelis,  
Ouvindo de boca aberta  
O sermão do padre Felix.

Com sua casaca estreita  
O meu compadre Fidelis,  
Foi assistir no domingo  
O sermão do padre Felix.

As beatas de capona  
Que não é la gente *relis*  
Ouviram todas contritas  
O sermão do padre Felix.

Vinham assistir á festa  
As filhas de Xico Telles,

Mas apenas encontraram  
O sermão do padre Felix.

Que é um orador grande,  
E que tem muita eloquencia,  
Mostrou o bom pregador  
Com rara e vasta sciencia.

*Um pregador admirado.*

(Continuação.)

—Disse o Sr. que o tal *poderoso* coronel barão de Carangueijos só come porque tem fome; eu digo porém que elle não come trampa por que sede. —

Fallemos em cousas novas, já que o *meninorio* tem medo de que o publico saiba das suas gentilezas.

—Qual! certa gente não tem vergonha; não é por tanto crível que elle tenha medo da publicidade de seus actos.

—Pois tem; teve o desaforo de, com o brilho de dous ou tres contos de reis, querer offuscar um *pharol* que ahí anda.

—Sim?!

—Mandou ter com um tal *chronista* um certo procurador do *Duarte* fazendo-lhe ver que *elle* tinha interesse em não ser desmascarado para poder impingir certas madeiras podres a certo arsenal; negocio que breve se espera conseguir por intermedio de um senador *resuscitado* que se encarregou da obra.

—Ah! logo vi que não era por pudor que elle pedia; somente o interesse, o lucro sordido, a ganancia o impelliou a implorar.

—E é traidor.

Quando pediu, o miseravel teve o desfagamento de mandar dizer que podia descompor a todos, incluindo o mesmo author dos artigos, o *Cangalheiros*, com tanto que só a elle pou-passe, principalmente no que diz respeito á madeiras!

—Que caracter!



—De pouco se admira. Vamos porém ás ganancias. O coronel devia grandes favores a certo Dr., genro d'uma *pacca*, o qual Dr., devia dinheiro ao coronel.

Morto o Dr., a viuva mandou chamar o *amigo* de seu marido e propoz-se a pagar a divida, fazendo elle uma reduccão. O *coronel* concordou e a reduccão que fez foi nos juros que *sendo* de dous por cento a viuva pagaria como um. Pagou-se a divida e a viuva recebeu a lettra.

Querem saber o que houve? Não houve reduccão, por que o diabo do usurario, obrigado pelos favores que devia ao finado, não foi capaz de lhe exigir dous por cento; o juro era de um por cento, o que se via na lettra que o usurario teve a protervia de emendar!

—Que bregeiro!

—E' um tratante. Não se lembra d'uma historia que contei acerca d'um engenho, comprado por menos de cem contos? Não se lembra de que o senhor do tal engenho tinha filhos? Pois bem, dessa venda fraudulenta, dessa tratada monstruosa, resultou a um dos filhos a quantia de dous contos, de que passou o *coronel* uma lettra.

Precisando, ao depois, o homem de seu dinheiro foi ter com o *poderoso* barão e apresentando-lhe a lettra. . . . que pensa que fez elle?

—Pagou, transigiu, amortizou.

—Roubou! metten a lettra na boca e enguliu-a.

—Que *finorio*!

(*Continúa.*)

—Vem cá, biltre!

—Prompto, senhor.

—Quem és tu?

—Sou um homem.

—E's um canalha.

—Pois vá lá.

—Como te chammas?

—Nasci dia de S. *Francisco*, mas não sei meu nome.

—Em que te empregas?

—Em uma padaria, em que se tem *furtado* muito.

—Sem duvida és o ladrão.

—Pode ser.

—E o que andas a fazer todas as noites pela porta daquelle honesto homem vindo de Braga?

—E' para dar a intender a visinhança que ando seduzindo-lhe a familia.

—E não havias pedido essa moça para casar?

—Havia, mas depois arrependi-me, e mandei dizer a ella que só si fosse para sabir de casa e como fui repellido, faço isso para dar a intender á visinhança que tenho entrada alli, e sou bem-quisto.

—Infame detractor, miseravel sevandija, maculas assim a honra alheia, e vives a perturbar o socego de quem nenhum mal te faz.

Porém o muxingueiro do *Alabama* ha de te fazer as contas.

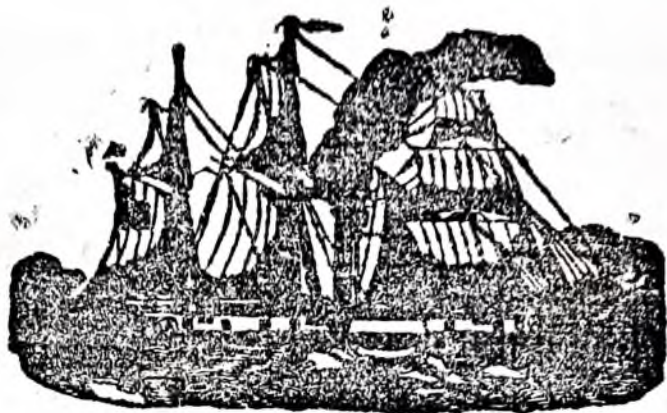
MOTE.

—*Caveira qu' é de Vicente*  
*E' tenente-coronel.*

GLOSA.

Anda sempre descontente  
Por não roubar um milhão  
Oh! que famoso ladrão  
—*Caveira qu' é de Vicente!*  
Vou mostral-o de repente  
E com meu pobre pincel,  
Voe retratal-o em painel:  
Dos soldados furta-tudo,  
E' tremendo barrigudo,  
*E' tenente-coronel.*





# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 24.ª

BAHIA 15 DE JULHO DE 1865.

N.º 236

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17, a 1\$ rs. por serio de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 14 de julho de 1865.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, pedindo-lhe providencias para que cessem as palavradas, que se fazem ouvir, depois das nove horas da noite, nas sallas de um sobrado á praça de Palacio, as quaes palavradas são proferidas pelos caixeiros do Sr. Feliciano Coquejo e offendem summamente a visinhança que já os não pode aturar. Espera-se pois que S. S., informando-se das familias visinhas, proceda com a energia necessaria para a supressão do escandalo.

—Ante-hontem e hontem, em rego-sijo pela victoria alcançada em Riachuelo por nossa armada contra a paraguayá, immensos cidadãos e os academicos percorreram as ruas precedidos por bandas de musica, ao som de entusiasticos vivas analogos ao facto.

—E estiveram illuminadas algumas

casas, sendo geral o jubilo de que se acha possuido o povo desta capital

—Viu as partes officiaes sobre o Riachuelo?

—Vi e extranhei a maneira por que as publicou o *Jornal do Commercio*; todas as vezes que havia elogios ás praças, o *Jornal* supprimia-os e continuava a occupar-se dos officiaes. E neste gosto publicou-as tambem o *Diario da Bahia*!

—E' por que o soldado é besta de carga, nem um elogio merece em publico!

—O que é o menos, visto que na Inglaterra, nas partes officiaes só se faz menção dos actos heroicos praticados pelos officiaes.

—Sabe o que me disseram?

—Alguma pomada sem duvida.

—Não garanto; mas dizem.

—O que?

—Que, em virtude de não terem os burros e cavallos obedecido ás ordens, ficavam elles obrigados a trazerem um sacco na parte trazeira, afim de aparar



os excrementos e ficarem livres as ruas de mais esta immundicia.

—Ora pecegos!

Eu o que tenho agora a fazer é ir ao escriptorio da empreza, para participar-lhe que no largo do Theatro está corrompendo a saude publica um pequeno morcego que alli se acha morto.

—Ora vivorum!

—E' do contracto.

E na ladeira do Carmo existe tambem um grande rato que precisa ser quanto antes dalli removido segundo os artigos taes e taes do contrato da limpeza, sob pena de multas.

—Ora não me aborreça, faz favor?

## LA VAE VERSO.

Na ultima folha d'um album.

### SENTENÇA.

Vistos os autos presentes  
Em que author seu dono é,  
E reus os vates *chorosos*  
Que juram ser desditosos  
Com dolo, fraude e ma fé...

Attendendo ao *depoimento*  
Que se encontra a folhas dez  
E que é de um douto perfeito,  
Leal, fiel, insuspeito,  
Que em tudo a lei satisfaz...

Ouvidos outros peritos,  
Que inspirados são dos ceus,  
E em trechos aprimorados  
Erguem bem alto seus brados  
A bem do author contra os reus...

Consid'rando que a verdade  
Abi translaz sem favor,  
Por ser patente e notoria  
A devida e justa gloria  
De que está de posse o author...

Attendendo á vistoria  
A que ex-officio assisti,  
*Undé* essa gloria attendida  
Foi sem embargos havida  
E por bons titulos que eu li...

Visto o artigo vinte e seto

Da lei do senso commum,  
Que manda ser parco e breve  
Quem (*sicut nos*) escreve  
Versos sem sabor algum...

Eu por tanto e o mais dos autos,  
E a lei a que se attenden,  
Absolvo o author do pedido  
Na forma e como req'reu:  
Condemno os reus por falsarios  
Desçam todos dos *calvarios*,  
Não mais corra o pranto seu,  
Sejam postos em soltura,  
Vivam na paz, na ventura,  
Quanto ás custas... pago-as eu.

J. Candido Furtado.

## A PEDIDO

### Atenção.

PHILANTROPIA E CHARIDADE D'UM COMMENDADOR PODEROSO, O CORONEL ANTONIO DE ALBUQUERQUE, PARA COM SUA AFILHADA, VIUVA DO DR. ARAUJO FERREIRA EVARISTO.

Sabendo certo commendador, *poderoso* e ricasso (aquelle, cujo nome vem no titulo desta historia) que uma sua afilhada estava viuva e lembrando-se de que o marido della lhe passara uma lettra no valor de mais de tres contos, mandou chamar pelo *Brandão* a um seu sobrinho *Amaral* e o incumbiu de ir ter com a viuva, para exigir-lhe o pagamento, offerecendo-lhe logo a *charidade* de receber apenas a metade dos premios que resava a lettra.

A viuva, accitando a *offerta offerecida*, prometteu pagar, logo que liquidasse seu casal.

Pouco depois *Amaral* sobrinho voltou a ter com a viuva, querendo receber escravos em troca da lettra; ao que respondeu a senhora não ser preciso, pois que estava em tracto em *Passé* com um barão; que ia então para fora e que na volta intender-se-hia com o commendador *poderoso*.



O sobrinho fez-lhe ver que a elle pertencia a lettra, por lh'a ter seu tio dado em pagamento e que os premios eram de dous por cento; cousa a que foi indifferente a viuva, disposta a pagar na volta a quem quer que fosse.

Quando voltou a viuva de sua viagem, o sobrinho Amaral pediu-lhe o pagamento integral da lettra. A senhora lembrou a *offerta*, ao que respondeu o sobrinho de seu tio que a lettra era sua; que nada cedia, salvo si o *coronel quizesse indemnisar-lhe a differença*; que neste sentido a senhora escrevesse a seu *charidoso* padrinho.

A viuva escreveu, mas a resposta que obteve foi a volta do tal Amaral para liquidar o pagamento.

Então, já *ensinado* accedeu na *redução* e trazendo a conta dos juros e capital já feita, foi integralmente pago pela viuva.

Os juros, a 1 %, subiam a um conto setecentos e tantos mil reis.

O *cuyo*, puchou então pela lettra e quiz passar no verso recibo somente do capital, ao que oppoz-se a viuva, exigindo recibo dos premios.

Passou elle o recibo e entregou a lettra a um filho da senhora para ver si estava conforme, e rapidamente empinou-se, como dizem os capotes, fazendo ablativo de viagem.

A pobre viuva tomou a lettra das mãos do filho, leu-a, e, ao chegar ao logar dos premios (vergonha! horror!) o que viu? A lettra viciada, a palavra UM substituida por DOUS que ficou escripta DONS!

A viuva illudida mandou chamar o amavel Amaral dos Arabicas e o *sobre-dito* andava longe! delle nem sumação se via! mais ligeiro que um galgo ou uma lebre tinha-se occultado talvez nos matos do Barbalho, ou Jacaró!

A viuva foi á casa do seu *protector* e padrinho, o conhecido *poderoso* coronel *Antonio de Albuquerque*, mas elle não appareceu, *não estava em casa*.

No dia seguinte pela manhan, ao acordar o *bondoso* homem, soube que sua afilhada o esperava.

Recebeu-a com affaveis e lisongeiras expressões de ternura e amizade, e a infeliz disse ao que foi.

Fez ver a tramoia de que acabava de ser victima; notou que estando a lettra viciada, era o premio de 1 %; que sendo o premio de 1 %, só devia ella ter pago 1½ %. O coronel ouviu e respondeu a tudo aquillo com um riso sardonico que lhe pousa de ordinario nos beiços sordidos.

A senhora indignada disse-lhe o que elle devia ouvir e prometteu leval-o aos tribunaes, — ameaça a que elle com um indizivel e descarado *sans façon*, respondeu: Faça o que quizer, minha afilhadinha.

E para mais zombar da infeliz senhora, para mais augmentar-lhe a dor, de que a tornava presa um roubo feito por um homem rico e seu padrinho; o coronel dirigiu-se ao filho da senhora que a acompanhou e poz-se a agradecer com elle, dizendo-lhe pilherias pesadas, palavras indecentes, sem respeitar dous sublimes estados da mulher, a maternidade e a viuvez!

A senhora sahiu e foi levada até a porta com gracinhas amarolleticas do seu incomparavel padrinho!

E isto, quando outros credores, os Srs. Braga e Moreira Ribeiro por exemplo, que com a infeliz senhora nenhuma relação tinham, perdoaram todos os premios e até um terço de capital das dividas do casal alludido!

E é este homem que se inculca do innocente, e que *alguem* apregoa do



honrado, fazendo enrubecer a todos os  
homens de bem que o ouvem!

Ora pulha!.....

\*\*\*

Braga, por que botaste-me no *Ala-  
bama*? Será por Santa Maria?

Que mal faz que eu em horas mor-  
tas vá fazer as minhas orações no altar  
de Santa Maria?

Pois sendo ella santa, entendo que  
Braga não deve alimentar zelos. Nem  
querer que ella vá dalli para fóra.

Por S. Januario não queira que se  
diga o que é verdade.

Ora não continúe com seus falsos,  
antes vá cuidar na sua futura da rua  
do Sodré, do contrario verá toda sua  
chronica de fora.

(*Continúa.*)

Senhora Ignacia,  
Tome juiso!  
Moça imprudente,  
Tenha mais siso!

Crie vergonha  
Na cara feia,  
Não mais s'involve  
Co'a vida alheia!

Velha viuva,  
Reso-the a chronica,  
Deixe comigo  
De ser pyrrhonica

Depois não chamo  
S. Severiano  
Olhe.... Taparica!  
Adeus, té quando?

*O Caes do Ouro.*

--Esta canalha só á taca do mu-  
xingueiro!

Andam uns bobados pelas ruas, ou-  
tras a inventar historias, outros a dar  
vivas, outros a atirar foguetes, outros  
a offercer seijoada, porque a politica  
*mudou!* porque *elles* subiram! porque  
a gente é *delles!*

E uma droga venenosa que anda  
por ahi, preparada não de lama, não  
de cisco, não de excremento, (que tu-

do isso não define bem o caracter de  
certa gente) mas pela baba peçonhenta  
de certa lingua viperina, tem por fim  
polluir uma toga honrada, uma beca  
exemplar, que está tão superior á ca-  
lumnia quanto livres os astros de se-  
rem mordidos pelos cães que ladram!

—E fallam em *reposteiro*, sem se  
lembrarem que occultamente é que se  
*desiste*.

—E que quem ha de fazer a *limpeza*  
do que se descome para elles, ha de  
ser o putrido cano de suas guelas fa-  
mintas e a vassoura escabrosa de suas  
linguas impuras.

## ANNUNCIOS.

O moço que na noite de 13 do cor-  
rente deu em pagamento de um vidro  
de extracto que comprou em uma loja á  
rua Direita da Misericordia, um pata-  
cão falso, haja de o ir resgatar sob  
pena de ser chamado á policia, e ser o  
seu nome conjunctamente com o do  
seu companheiro estampado nesta fo-  
lha.

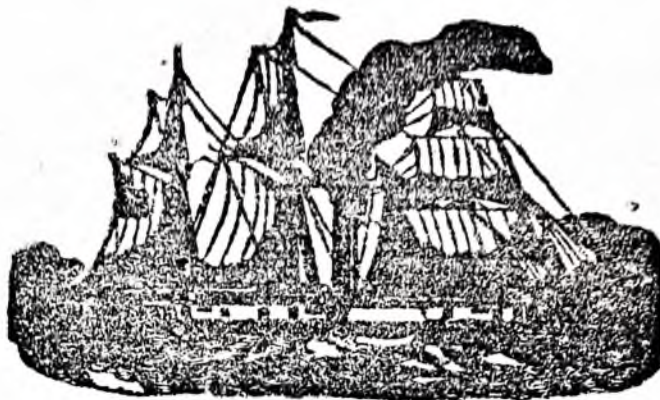
Eusebia Firmina de Jesus e suas ir-  
mans agradecem de todo o coração a  
todas as pessoas que fizeram o favor de  
se prestar, e acompanhar o cada-  
ver de seu irmão Leopoldo Firmino  
do Sacramento para o cemiterio da  
Quinta, e novamente pedem ás mes-  
mas que se dignem assistir á missa do  
septimo dia que terá lugar no conven-  
to de S. Francisco ás 7 horas da ma-  
nhã do dia 17: pelo que desde já se  
confessam reconhecidas.

## LAMA DE COSINHA.

Na casa do tenente Belmiro José de  
Castro, á Preguiça, precisa-se de uma,  
que desempenhe bem suas funcções.

O engraçado que foi a um baptisado  
no domingo e que por pilheria levou  
uma boceta de tartaruga, pode ir lo-  
val-a, porque para graça, ja é tempo  
de sobra, e brinquedo que dá prejuizo  
não presta.





# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 24.ª

BAHIA 19 DE JULHO DE 1865.

N.º 237

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1.ª rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 18 de julho de 1865.

Officio á camara municipal, chamando sua attenção para o lamaçal que existe na rua do Caes Dourado proveniente da immensidade de buracos que tem o que muito incomoda a quem por alli anda, que vê-se obrigado a levar até pela cara a lama que espana com o incessante rodar dos carros, gondolas, e cavalleiros que por alli transitam. Espera-se por tanto que a Illma. se digne mandar tapar aquelles buracos, mesmo porque parece ser esse o caminho do Sr. vereador Senna Moreira.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe que hontem á noite na rua dos Carvoeiros foi horrivelmente espancado Balduino de tal por uma sucia de capadocios, que aproveitaram-se do ensejo de encontrarem o homem spiritualizado para o deixarem bastante contuso, sem que apparecesse um agente da força publica.

—Noticias do Sul.

Depois das que tivemos sobre a villa

de S. Borja, é bom accrescentar o seguinte que extrahimos do *Jornal do Commercio*:

«No dia 12 os paraguayos entraram na villa e lá se acham.

«Corre que Itaquí foi ao mesmo tempo attacado e occupado por 4000 paraguayos.

«Ainda por alli se não sabia ao certo onde estava o general Canabarro; todos esperavam com ancia este chefe que ha muito lá devia estar.

Tivemos no combate 17 mortos e 29 feridos.

Os paraguayos tiveram entre mortos e feridos 80 homens.

—Bom.

—Os estudantes de S. Paulo reuniram-se e colisam-se para comprarem armamento que deve ser offerecido ao governo imperial.

—Que ha do Rio?

—Foi reformado o Sr. brigadeiro Manuel Muniz Tavares.

—Que mais?

—Foi promovido a marechal de campo o Sr. brigadeiro Manuel Luiz Osorio. Foram agraciados:

O Sr. chefe de esquadra Leverger com o titulo de barão de Melgaço com grandeza.

O Sr. chefe de divisão Barroso com a



dignitaria do Cruzeiro e com a pensão annual de 1:200\$ rs.

Os Srs. tenente coronel commandante de cavallaria do Matto Grosso, José Antonio Dias da Silva e 2.<sup>os</sup> tenentes de artilharia da mesma provincia, João do Oliveira Mello e Luciano Pereira de Souza, o primeiro com o officialato e os outros com o habito da ordem da Rosa.

—Mas porque?

—Um pelo facto heroico do Riachuelo; os outros em attenção aos relevantes serviços prestados, por occasião da invasão paraguaya.

—Que mais?

—Foi tambem agraciado com a commenda da ordem de Christo o Sr. Des. Luiz Antonio pelo relevante serviço que na qualidade de presidente da Bahia prestou, animando e promovendo o alistamento de voluntarios da patria.

—Capitão, foi a Pirajá?

—Não; que houve?

—Ainda uma vez um tributo á memoria de Labatut e de seus fieis companheiros, os bravos da Independencia.

A corporação Minerva, com o seu estandarte alli compareceu como authora da ideia e acompanhada por grande numero de cavalleiros que muito realçaram o acto.

—Bem; que sabe de Brotas?

—Disseram-me que o festejo correu bem.

—E de Itapagipe?

—Este vi eu. Esteve bom; o carro, como se annunciou, sahiu dos Mares, puchado por uma companhia de veteranos, precedida por muitos cavalleiros e acompanhado pela musica do batalhão 110 da guarda nacional, por uma companhia de zuavos imperiaes, por uma dita de lanceiros, por um quasi batalhão da freguezia, e pelos menores do arsenal de marinha, sem contar as pessoas que voltaram de Pirajá, que muito contribuíram para o brilhantismo da festa.

As ruas estavam todas embandei-

radas e cheias de arcos triumphaes, e os foguetes subiam repetidas vezes.

A' noite, houve a illuminação e mais uma enchurrada de versos, a maior parte dos quaes causaram nausea aos ouvintes, por que todo bicho careta intende que é poeta.

Em compensação á *diarrhéa poetal* houve pateada a valer.

Quebrou-se muita agua clara, isto é bebeu-se muita *Tamandaré*, ou antes chupou-se muita cachaça, e em algumas cazas houve samba ou baile de pobre, segundo o Muniz Barreto.

—Foi muito festejado o dia 16 de julho!

Não pensem porém que o prazer esteve somente pelos arrabaldes. Aqui na cidade tivemos a visita de nossa princeza, que ouviu missa, passeiou, comeu, ouviu discursos, deu a mão a beijar e embarcou se de novo, deixando muita saudade profunda no coração dos . . . cortezãos.

—E disse.

—Dizem que pela casa de prisão com trabalho o negocio não vae muito bem.

—Então que ha?

—Falla-se que alguns empregados não cumprem suas obrigações; que andam passeando á noite; que tomam dinheiros emprestados aos presos, que se julgam por isso com direito a exigirem delles certas condescendencias que não estão em harmonia com o regulamento daquela casa e que não lhe guardam a subordinação devida. Consta que estes factos ja chegaram ao conhecimento do Sr. Dr. delegado por denuncia que teve de um preso.

—Pois olhe, isso é bem máu por que diz o adagio—quem dinheiro tiver fará o que quizer—e si houver um preso que tenha dinheiro sabendo que ha empregados que gostam tanto de dinheiro pode intentar alguma cousa.

—O que vale é que alli tambem ha

bons e excellentes empregados que neutralizam a acção dos maus.

—E depois ahí está o Dr. delegado que ha de dar providencias, e acabar com os abusos.

—Amen.

—Sahiu o *Novo Patriota*.

—E' um novo barrigudo que, como elle mesmo diz, sente fome e tambem quer comer.

—*Não tem duvida!* Aposto que o sujeito é popular.

—Capitão, reparei n'uma cousa.

—Qual?

—No festejo que teve logar ante-hontem em Itapagipe, encontrei pela rua todos os *vermelhos* de la, que são brasileiros e que estavam mais ou menos contentes; só não vi um certo brasileiro renegado, um major luzitano, um ingrato que empunhou armas contra a patria, um miseravel orgulhoso de quem unicamente se deve ter dó.

—Ora deixal-o!

—Mas que quer dizer isto, capitão?

—E' cousa simples; o homem não pode applaudir a victoria d'uma causa de que foi adversario.

—Ah!..bem n'ó dizia o *Guimarães*.

## A PEDIDO

—Capitão, conhece aquelle labrego de cabelleira remissa?

—Não.

—Pois V. Ex. não conhece um sujeito que por gostar de deitar muito sebo na cabelleira, deitaram-lhe o nome de Pau de sebo?

—Não.

—Não conhece um gallego que já foi pretendente a cosinheiro pratico?

—Não.

—Pois é um tratantorum que tem uma pequena loja de fazenda na *Taboa grande*.

—Já sei quem é.

E' um individuo que tem enriquecido com o lucro que tem tirado da sua pequena loja.

—Sim, da pequena loja....

E' melhor dizer, que com a moeda falsa!

—Isto é uma calumnia, Sr.

—A calumnia está provada, pelos *beneficios* feitos por elle a certa ordem terceira!

—Sr., vou mandar buscar á minha presença esse infame!

—Um certo —S— da *Constituição* não merece resposta seria de ninguem.

—Que duvida! Conheço-o bastante, fique certo disso. Si eu dispuzesse de forças, sabia o que delle havia de fazer. Agora o que posso fazer é remetter um homem sem brios, um politico infame, um renegado classico, um espirito elastico, um trahidor conhecido, um intrigante miseravel, para o porão do *Alabama*, onde o muxingueiro se intenderá com elle.

—Ora, Sr. *Francisco*, não irá amassar seus pães? Para que anda se mettendo em camisas de onze varas?

Depois não venha dizendo:

Santo Antonio me enganou.

Você, pedaço d'asno, estupidarrão d'um dardo, que mal sabe assignar seu nome, ja quer escrever publicações contra os mais?

Namorado salprezo, é melhor que vá namorar as bolachas mata-fome da padaria em que tem *furtado*.

Não sei como sendo S Bento o advogado contra bichos peçonhentos, pode existir tão perto esse immundo calango.

Continúe, que caro lhe ha de custar,

*O bigode ruivo.*



**A Policia.**

Na noite de 9, tres membros do olho-vivo, um de nome Marcos Rabeca, outro Manuel, e mais um outro, entraram na casa n. 11, 2.º andar á rua Direita do Collegio, e penetraram na salla de jantar e como nada achassem, foram a um armario e bifaram alguns copos, velas, louça e dous caixões de doce; depois vieram ao primeiro andar, e achando a sala aberta entraram, foram presentidos e só tiveram tempo de carregar um candieiro de gaz, sendo um seguro na escada por uma moça que o agarrou pela aba do palitot, que elle preferiu deixar, e ir á maneira de Judas.

Chama-se a attenção da policia para estes *cujos* cuja audacia é tanta, que praticam taes factos tão perto daquella repartição e n'uma rua tão publica.

Sr. Redactor. — Tenha a bondade de declarar si eu tive parte n'um escripto publicado no n.º 233 do *Alabama* o qual principia — vem cá, biltre — e que falla em padaria que se tem *furtado*. Bahia 17 de julho de 1865. — *Januario de Souza Braga*.

Afirmamos que não.

A Redacção.

**Attenção.**

«Contra as nossas previsões, contra a expectativa publica e a gratidão de toda a provincia, foi exonerado o Exm. Sr. Des. Luiz Antonio Barboza d'Almeida do cargo de presidente que S. Ex. honrou com a practica de todas as virtudes civicas.

«Não sabemos, por ora, nada a respeito de um facto politico de tanta magnitude, visto como até agora ignoramos si S. Ex. recusou-se, á proseguir na gloriosa missão em que conquistou a estima e adhesão de todos os espiritos rectos, de todos os caracteres probidosos.

«Seja como for, Washington recolhendo-se ao lar da familia depois de relevantissimos serviços á causa da Liberdade, ou Phocion injustamente punido pelo muito que fez á sua Patria, S. Ex. continuará a ser para nós objecto de um culto profundo, de uma dedicação sem limites.

«A Bahia, que sob sua administração tanto elevou-se, não poderá jamais regosijar-se de suas glorias sem repetir com entusiasmo o nome do patriota, que tanto a assoberbou.»

(Do *Liberal*.)

---

**O Sr. capitão Hermenegildo Raymundo da Costa Rego.**

E' digno de louvores o Sr. Hermenegildo Raymundo da Costa Rego, que acaba de seguir para o sul, levado por seu patriotismo a defender a patria ultrajada; procedimento tanto mais digno de encomios quando deixou cinco irmans honestas e sua mãe viuva de quem é e continúa a ser o arrimo.

O cidadão a que me refiro exerceu com dignidade, na villa de Capim Grosso, os logares de subdelegado, e-leitor, juiz de paz, vereador e juiz municipal supplente.

E' um homem geralmente querido e estimado, como se acaba de ver, sempre distincto pelo governo e pelo povo que o encarregara de commissões.

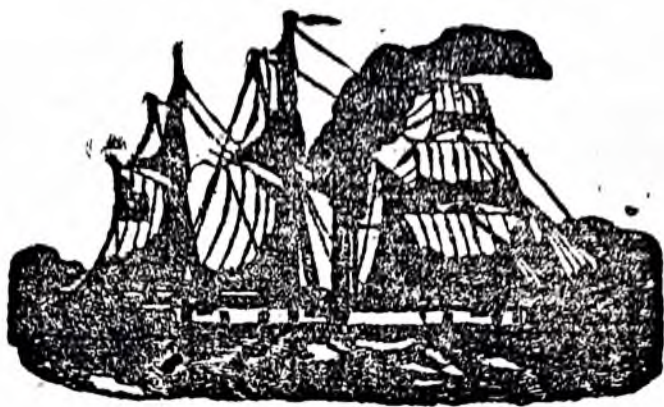
Seus inimigos pois que mordam a terra, á vista de tão louvavel proceder, em quanto a patria abençoa seu filho devotado que a vae vingar!

*Um entusiasta.*

---

**ANNUNCIO.**

Quem tiver duas escravas que quiser alugar para vender doces, ficando as mesmas obrigadas a dormir na casa do annunciante, dirija-se a padaria na Ladeira da Soledade para tractar; não duvida pagar bem agradando.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 24.ª

BAHIA 20 DE JULHO DE 1865.

N.º 238

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 100 rs. por serio de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 19 de julho de 1865.

Officio á camara municipal.—Tendo-se em data de hontem scientificado a Illma do mau estado da rua do Caes Dourado, é de necessidade que ao seu conhecimento seja levada egual comunicação sobre as ruas do Julião e Pilar que semelham perfeitamente uma cloaca.

Espera-se pois providencias urgentes.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, pedindo-lhe providencias contra quatro ou seis individuos, cujo chefe é um colobre Pacheco, ex-empregado do hospital militar, os quaes andam á noite, por essa freguezia, a perturbar o socego publico com vozerias e alarmas, quebrando vidraças, battendo pelas portas e commettendo mil desatinos e escandalos; e ainda na noite de 17, seria uma hora, quizeram arrombar uma porta no Canto de João de Freitas, gritaram muito, insultaram as pessoas da casa, proferiram muitas palavras obscenas, sem que uma guarda que ha

perto dalli dêsse signal de si. Espera-se da conhecida energia de S. S. e zelo pela ordem, providencias.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Rua do Paço, pedindo-lhe que acabe com uma jogatina que ha todas ás tardes em uma casinhola na roça do Sr. Barros á Estrada Nova, onde vão alguns inexpertos deixar o fructo do seu trabalho a certos expertos que alli se reuñem.

—Leu o *Pharol* de hoje, 19?

—Não.

—Pofs leia e veja um artigo que vem nas Publicações Diversas, o qual é digno de ser lido, apreciado, estudado e meditado; traz a assignatura de *Caio Graccho*.

—O *Liberal* defende o Sr. Costa Guimarães, e eu acho rasão.

—E eu tambem. Mas é preciso que os carroceiros não insultem o publico! E' um desaforo vêr-se as familias expostas aos improprios insultuosos do meia duzia de empregados malcreados!

O lixo deve ser recebido nas portas das cazas. Entretanto os carroceiros não o vão receber, não attendem a chamado algum, e é por isso que as ruas estão hoje porcas como nunca; os que não tem escravos, muitas senhoras



não hão de sahir para correr, com o cisco á cabeça, atraz do carro que por ninguem espera; á noite enchem por tanto as ruas de cisco.

—Realmente é preciso que o Sr. Costa Guimarães desperte.

—Eu queria pedir ao Illm. Sr. Dr. juiz de orphãos certas providencias.

—E' pedil-as.

—Dizem-me que no Barbalho ha um certo Sr. Seixas que tem em seu poder duas pupillas, a quem maltrata com gosto.

—E' talvez falso.

—Dizem que o menos que faz o sujeito é mandal-as acompanhar as cadeiras em que sahem suas filhas. Bem vê que si no publico elle as tracta assim, muito mal as deve tractar no interior de sua casa.

Esperava pois que a autoridade competetente providenciasse a respeito.

—Ora esperemos.

—Querem saber o que disse um desfructavel *marinheiro* no hotel Baliano?

—O que foi?

—Que só tinham accusado ao Mancebo os paschins.

—Páschins da marinha são certos officiaes que deshonram a farda que vestem, rojando miseravelmente pelos pés dos superiores covardes, talvez menos covardes do que os aduladores abjectos.

—Deixal-o! pobre capacho!

—Olá, parabens!

—Acceito-os, capitão, mas tenho alguma tristeza.

—Tristeza! não tem rasão; antes muito enthiasmado deve estar dos feitos gloriosos de heroismo de nossos patricios, no Paraná; para a nação deve ser um verdadeiro dia de grande gala o 11 de junho de 1865. Os marinheiros inglezes e os soldados francezes não excedem em valentia aos brasileiros.

—Sim, capitão, é tudo verdade; mas vejo que só os brasileiros da marinha o

do exercito, os voluntarios, os engenheiros e os medicos sao mencionados e louvados por grandes feitos; entretanto uma classe de principes de vapor, os bachareis, muito numerosa, muito pesada aos cofres, muito avida de empregos, não apresenta um só voluntario, quando tanto se interessam pelo paiz, por *cujo bem* disputam, apresentando-se na eleição, pretendentes, baixos e pedinchões' . . . . .

—O remedio, meu charo, está nas mãos do exercito e da marinha, do povo emfim. Depois de firmar-se o futuro do Paraguay, os brasileiros que se expoem com vidas e fortunas, que tractem de firmar-se para excluirem esses egoistas que só querem tudo desfructar.

—Tem caminho o seu parecer, capitão; vou por tanto estudar a maneira de pôr o plano em execução.

—E adeus; até logo.

—Conhece o major paraguayo?

—Não. Será um que passa vida de *Lopes*?

—Talvez; é um de que as gazetas muito se occupam, mas a quem não fazem tomar brio nem geito; é um bobo com pretensões a despota, um judas almejando a sultão, um pobre diabo com sonhos de tyranno-regulo.

—Ah! sei quem é. E' um ladrão refinado que acaba de subtrahir uns dias de soldo d'um official pertencente ao batalhão que commanda, por miseria desta miseravel Latronopolis.

—Sim, sim, justamente; é esse mesmo!

(Continúa.)

## A PEDIDO

—Vem cá, villão!

—Prompto, capitão.

—Este—S—que trazes na frente indica bem o que és; não é verdade?

—Dizem os homens, capitão; uns chamam-me gallinha choca, outros camaleão, outros crocodilo, outros serpente, mas só acertam os que, pelo menos, me appellidam de safado.

—E ainda o dizes!



Para que fallas constantemente em 1837, tu descendente d'um homem a quem não podias chamar em publico teu pae? tu filho do brazileiro que condemnou á morte no porão d'um navio mais de tresentos brazileiros?

—São cousas, capitão.

—Para que fallas em profanação, tu o miseravel que rojas aos pés de quantos ministros existem para seres juiz de direito, ainda do inferno? tu que profanas com teus elogios encommendados o tino e a perspicacia do conselheiro Nabuco?

—São cousas, capitão.

—Para que fallas em compromissos de algibeira, tu o perdulario que para satisfazeres teus deboches, te manchas-te com a lambança de quatro contos de reis d'um casal de que eras tutor?

—São cousas, capitão.

—Para que fallas em rafeiros tu que foste o cachorrinho de quanto presidente te deu uma migalha de sua meza? tu que ladras em balde á lua que se ostenta garbosa no firmamento?

—São cousas, capitão.

—Para que fallas em gente degenerada e vil, tu a escoria de todos os partidos? tu filho de bicho sem cabeça? tu que és a vileza personificada?

—São cousas, capitão.

—Para que fallas em aventureiro, tu que tens especulado com tudo e com todos? tu que não duvidaste polluir teu pergaminho de advogado em transacções ignominiosas?

—São cousas, capitão.

—E' falta de vergonha, cousa ruim. E como fallaste em escarrar sobre a face, tu que só gottejas dessa boca hedionda venenosa peçonha, vou mandar tambem cuspir-te sobre a face. Mas ouve bem: o muxingueiro vai tomar um purgante e quando tiver elle produzido o seu effeito, servirá tua boca de cloaca; ouviste?

—Seja pelo amor de Deus, capitão.

—Muxingueiro, pega aquelle marmenjo que vai passando pela rua do Sodré.

—Eis o cujo.

—Como te chamas?

—Por S. *Januario* lhe juro que não sei meu nome.

—Responde biltre, do contrario o muxingueiro se intenderá comtigo.

—Chamo-me Souza.

—Souza não é nome, estúpido.

—Pois pergunte ao Braga que talvez elle saiba.

—Para que andas a quebrar as pernas pelo Sodré? é melhor que vás arrumar teus pães e dobrar as toalhas para pol-as em cima?

Como é que com 20\$ rs. mensaes, tens casa alugada, pagas 25\$ de aluguel e fazes outras despezas?

—Meu dinheiro estica.

—E em cima queres casar para augmentares as despezas.

—Meu dinheiro cresce.

—Com teus *arranjos*, e pregando calotes nos mais.

Já pagaste os 5\$ rs. do *Francisco* da padaria que tem *furtado*?

—Inda não.

—E tens cara de fallar d'elle!

—Bagatella!

—Por que não vás desempenhar teu relógio e a cadeia?

—Logo.

—Muxingueiro, bota para fora á taca essa cousa ruim, que estou enjoado de olhar-lhe para a nojenta bitacula.

—Pelo amor de Deus!

—Fogo, muxingueiro!

—O commendador *poderoso* está damnado! Está capaz de comer gento viva!

—Pois si andam a deitar a chronica do homem de fora!

—Quanto mais quando lhe contarem uma historia que elle julga que não ha quem saiba; quando lhe fallarem em certos proprios nacionaes que elle se acha indevidamente usufruindo; e vir publicados alguns documentos que mostram que taes bens não lhe pertencem, e que certas propriedades que chama suas foram offerecidas por seu primitivo dono ao primeiro imperador, o qual, mandou por um decreto, convertel-as em um *hospicio*!



O que, como muitas cousas desta terra' cahiu em esquecimento; correram os tempos, morreu o proprietario que era seu parente, e hoje elle ostenta do dono do que não é seu!

—E assim é que se enriquece!

—O diabo do homem está avesado a espertezas, está tão adestrado em trampolinas, que não ha quem lhe passe a perna.

Comprou o engenho *Bittencourt* pertencente a *Capimirim* por um quarto do seu valor, de combinação com outro esperto, a quem mais tarde tambem logrou. Passou letras aos herdeiros, e quando se aproximou o tempo de pagal-as, conseguiu de um presidente, com quem tinha muita amisade, de nome *Thomaz*, parente de um *Xavier* que morou no *Garcia*, metter á bordo um dos herdeiros e mandou por portas travessas propor-lhe que si quizesse saber havia de entregar as letras. O infeliz não annuiu, e morreu debaixo do calabrote.

Outro herdeiro, receiando a mesma sorte, foi para fora, deixou serenarem os tempos, e veio reclamar seu dinheiro. O sabido commendador recebeu-o no seu escriptorio com ar prasenteiro, disse que lhe ia pagar, tomou-lhe a letra, e poz-se a lel-a. Aquella alma damninha entrou a remorder-se com a lembrança de desapegar-se de uma preciosa quantia que ha tanto tempo jazia em seus aferrolhados cofres, e possuido de satanica vertigem, mastigou a letra e engoliu-a. O homem quiz impedir-lhe, mas era tarde; o papel estava no bucho do come-dinheiro-a-lheio.

Gritou, blasphemou, chamou-o ladrão, mas ficou nisso; não havia testemunhas.

—Que homem malvado, que trahente!

—Elle já está acostumado a consumir o que não lhe faz conta.

Teve uma questão em certo tribunal ecclesiastico, nos autos havia certas revelações que denunciavam o character depravado do patife, havia declarações que punham a luz da verdade de quan-

to é capaz esse usurario por causa do quatro vintens. Não lhe convinha que existissem esses autos, e por intermedio de um homem que sem ser medico fazia curas de nome Vicente conseguiu subtrahil-os do archivo e consumil-os.

—E' um tratante de primeira classe.

—Onde ha negocio de dinheiro e ganancia elle está no meio. Não ha trampolina ou ladroeira em que elle não esteja involvido directa ou indirectamente. Ha pouco tempo dizia a um sujeito *nobre* que lhe cuspiasse na cara quando elle se involvesse n'uma questão em que muitos dão *passos* para se apossarem do que não ganharam, e não passaram muitos dias que aquelle spirito sordido não estivesse com unhas e dentes a trabalhar para ver se mette o queixo nos 600 contecos.

—Realmente este demonio, não devia existir no meio dos homens.

(*Continúa.*)

### Peço attenção á policia.

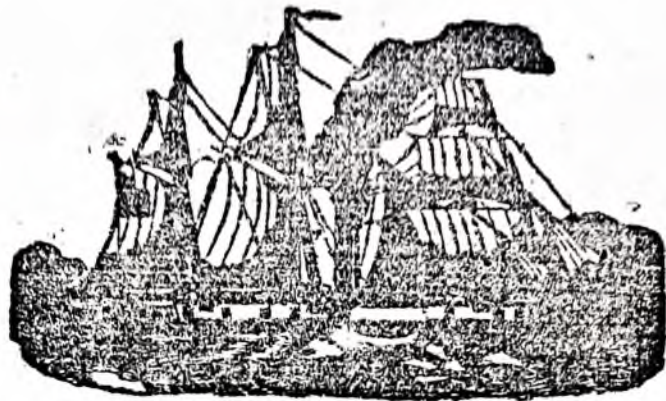
Marcos Rabeca achando-se manchado, cuja mancha o deshonra na sua capacidade para o publico, vem supplicante declarar ao mesmo publico o caso que se deu na mesma casa.

Entrando eu na casa n. 11 achei nas escadas dous sujeitos; os quaes ja tinham saccado da dita mulher o candieiro de gaz e um delles sem uma abado casaco que ella tem tem seu poder para melhor prova. E ella não sabendo os nomes dos ditos supplicantes, perguntou a quem me viu entrar, e disseram que me chamava Marcos Rabeca. Ella está arrependida de botar meu nome, e já me defende e limpa minha mancha. E peço ao publico que se souber algumas destas, publique, sendo verdade, com testemunhas. —O mesmo manchado, *Marcos Rabeca*.

### ANNUNCIO.

Quem tiver duas escravas que quiser alugar para vender doces, ficando as mesmas obrigadas a dormir na casa do annunciante, dirija-se á padaria na Ladeira da Soledade para tractar; não duvida pagar bom agradando.





# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SÉRIE 24.ª

BAHIA 22 DE JULHO DE 1865.

N.º 239

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 47, a 100 rs. por serie de 10 numeros, pagas adiantado. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 21 de julho de 1865.

(ficio ao Exm. Sr. Des. presidente da Relação, participando-lhe que estando doente o porteiro do *forum*, leva o mesmo aberto até 7 horas da noite; o que é um risco, visto que podem abusar da simplicidade d'uma preta que o fecha e subtrahir alguns papeis d'alguns cartorios que podem ser abertos ou arrombados. Espera-se pois que S. Ex. dê quanto antes providencias afim de evitar qualquer sinistro.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe sua attenção para o sitio da Gamboa, aonde são frequentes as desordens e conflictos occasionados por alguns desertores que alli vivem homisiados.

Da energia de S. S. espera-se o termo a um estado tão anormal.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus.—Constando-me que ha na

ribanceira do Pilar uma *casinhoça* em que se reúnem diversos rapazes para o reprovado divertimento do jogo, ordeno-lhe que trate de scientificar-se do seu verdadeiro logar, afim de servir de guia na proxima diligencia, que em virtude de denuncia deste bordo, deve ter logar, ordenada pela subdelegacia do 1.º districto de Santo Antonio, a que pertence o logar indicado. O que cumpra.

(Officiou-se ao Sr. subdelegado do 1.º districto de Santo Antonio)

—Até que em fim achei um meio! Estou livre da contribuição dos quinhentos reis mensaes!

—Mas como?

—Mudo-me para a Calçada e estou feito.

—Mas note que a parte da Penha contigua ao Pilar é a Calçada e esta está incluída no contracto da limpeza.

—Disso sei eu; mas é que na Calçada é permittido deitar-se o lixo e eu morando alli, não tenho necessidade de pagar conducção á companhia.

—E' permittido?! V. está doudo rapaz; os unicos depositos de lixo são a

Massaranduba, o Coronel, o Engenho da Conceição, o Retiro, o Cabula, o Garcia.

—E a Calçada, em frente do collegio Atheneu, nas immediações do ferrador Frederico Turpo.

—Quem lhe contou, rapaz?

—Eu que vi; V. Ex. tambem pode ver; quem passa na Calçada tambem vê; lá está! Cisco alli é matto, e é matto depositado pelos carroceiros encarregados de *fazerem a limpeza* da cidade!

—Isto é rico! Emfim creio porque o Sr. é quem diz; admiro-me de como possa o Sr. Costa Guimarães concordar com isso!

—Capitão, explique-me um facto.

—Si puder.

—Supponha que eu devo a fulano, que me chama á conciliação. Em juizo o meu credor concede-me um praso, dentro do qual devo-lhe eu pagar tudo que deve, perdoando-me elle os juros. Pergunto: —Antes de findar-se o praso, o credor pode proceder contra mim?

—Não sou advogado, charo amigo; não posso por tanto lhe responder com a lei na mão. O bom senso porem está dizendo que dentro do praso concedido e acceto o cretor nada pode fazer.

—Pois bem. Diversos devem decima urbana á provincia: o presidente publica um edital e diz que serão relevados da multa todos os que n'um trimestre (julho a setembro) pagarem toda a decima que deverem. Pergunta-se: —O juizo dos feitos pode proceder contra os devedores?

—Creio que não.

—Pois *elles* creem que sim.

E ahí andam os aguazis de porta em porta a augmentarem despezas, a desprestigiarem as ordens da authoridade, porque o juiz quer dinheiro, porque o escrivão tambem o quer, porque o solicitador come, porque o meirinho tambem é gente!

Não tem termos isso!

—Meu amigo, o melhor é ter paciencia, que isso de *papeis* complica-se muito.

—E complica-se tanto que com \\\

gente ninguem sabe a quantas anda.

Si elles mesmos vivem todos complicados! . . .

Em fim eu acho que não pode haver execução, isto é compressão para pagar, n'um tempo em que é livre ao devedor *escolher*.

O Exm. Sr. presidente deve por tanto tractar do caso!

—Muito bem! A companhia da limpeza em vez de acciar é a propria a emporcalhar as ruas!

—Porque diz isto?

—Vinha na quarta feira um carro da companhia carregado de lixo pela ladeira das Hortas; quebrou-se uma das rodas e o lixo entornou-se. Os empregados não fizeram caso, seguiram seu caminho, e está a rua até hoje sexta feira transformada em monturo.

—Não faça caso.

—Si eu não passasse por alli. . . . .

—Logo que a companhia souber manda limpar.

—E em quanto não manda vae o publico soffrendo. . . .

## VARIÉDADES.

Achando-se em campanha um official, que era o caixa de certo batalhão, subtrahiu uns fundos pertencentes ao corpo e os foi perder todos n'um jogo de azar.

Conhecendo o compromettimento da sua posição, tratou de evitar-lhe as consequencias, apresentando-se ao coronel como victima de um roubo violento contra o qual havia sido inutil toda a resistencia.

—E o senhor não conhece os ladrões? perguntou-lhe o coronel.

—Não senhor.

—Conserva alguns signaes particulares, que possam dar indicios? . .

—Tão pouco; eram muitos.

—Havia algum, insistiu o coronel, abaixando a voz, com um gorrosito sem viseira e uma blusa?

—Creio que sim, balbuciou o official.

—Calções estreitos o borzeguins?



- Sim, senhor. . .  
 — E um bordão nas mãos?  
 — Exacto.  
 — Já o suspeitava; sim, senhor; era nada menos que a dama de páus! . .

Uma criança innocente  
 A um padre «papá» chamava,  
 E a mãe—do marido ausente—  
 Com a criança ralhava.

Castiga o marido um dia,  
 Do innocente a singeleza,  
 E brada o padre, que o via:  
 «Deixe obrar a natureza!»  
 (Extr.)

## A PEDIDO

### Atenção!

Consta-nos que n'alfandega assim como na ponte do Consulado continúa o abuso de agenciarem despachos pessoas que não são competentemente habilitadas.

Sabemos que o Exm. Sr. inspector ignora a existencia do facto e por isso respeitosa e pedimos-lhe providencias.

E. R. M.

- Conhece aquelle sujeito?  
 — Não.  
 — Pois é *fino*.  
 — Pelo contrario. Acho-o gordo.  
 — Si é grosso no corpo, é *fino* nas obras.

Veja lá esta:

Em 18. . veio d'uma *lavra* para ser vendida aqui uma escrava.

Esta infeliz tinha para libertar-se tres pedras de diamantes, mas recendo que o senhor, á pretexto de dizer que eram roubadas, não as tomasse, preferiu trazel-as para aqui, e dal-as em troca de sua liberdade a quem fosse seu novo senhor.

O cujo que alli vae comprou a escrava, a qual disse-lhe que tinha as pedras para sua liberdade, e que as mandasse ver e avaliar, elle tomou-as e disse-lhe no outro dia que valiam apenas 30\$ rs., quantia que lhe entregou. A infeliz queixou-se, e elle man-

dou-a plantar café no Rio de Janeiro.

— Pois aquelle homem que dizem ser tão bom, que é o *paraiso*, pratica destas? Não creio.

— Meu charo, fuja dos que se fazem muito santos.

— Sendo assim, em vez de estar no *paraiso* deve estar no inferno em vida.

— Amen.

(Continuação do n 237.)

— Vem cá, Pau do sebo!

— Prompto, capitão.

— Então ainda tu queres saber quem é lá da ordem que escreve contra ti?

Para que andas a inventar que quem te descobre as manhas é uma pessoa que nem nisso cuida?

Dize-me porque razão has de estar tu a negociar com as cascas da Ordem?

— Capitão, tudo posso ter excepto moedeiro falso! E' um insulto que V. Ex. me faz, e que não devo tolerar.

— Então não és moedeiro falso?

— Nunca o fui.

— Não tiveste um socio que a policia deu em cima delle por causa de passar moeda falsa?

— Tive.

— Elle não fugiu para Lisboa?

— Fugiu, sim.

— Quem ficou aqui sendo o correspondente delle?

— Fui eu.

— E a quem era remettida a moeda falsa?

— Era remettida ao *Guimarães* o não a mim.

— Era remettida a ti mesmo, tratantorum. A prova está em tu enriqueceres da noite para o dia, e seres hoje senhor de grandes propriedades.

— As propriedades que possuo e os escravos que tenho, tem sido ganhos com o suor do meu rosto.

— Lá isso é verdade! . . .

Ouve uma historia, que bem cabe aqui:

«Um negro foi-se confessar e accusou ao padre que gostava de furtar os bois alheios.

O padre disse-lhe:— Filho, como só

aquillo que custar o suor de teu rosto, e não o suor alheio.

O negro sahio da ogreja, e na estrada encontrou uma novilha, e pelo vicio que tinha de furtar, não obstante o conselho do padre, deitou-se a correr atraz da novilha para laçal-a o que pode obter depois de muito suado. Passou o negro a mão no rosto e viu o suor em bica e disse:

—Sr. padre bem dize que eu só come aquillo que custa suor de minha rosto!»

Está pois no mesmo caso do negro!

—Não tem paridade alguma a nodoa que V. Ex. quer me deitar, com o caso do preto!

—Nodoa vae te deixar no corpo a taca do muxingueiro!

—Capitão, compaixão! . . .

—E' cousa que nunca vive cou trantantes e LADROES!

(Continúa.)

### Atenção.

Pede-se a certo tenente do 5.º da guarda nacional que prove como o maior ficou com os dias de soldo. S. S. tinha apenas que receber 10\$709 rs., e sabendo que 10\$ eram da joia de tenente que, ha dous annos, não pagou, zangou-se sem rasão, e invectivou.

Fique sabendo que logo dias depois de findo o aquartelamento, o Sr. thesourceiro recebeu os 10\$ rs. Os 709 rs. com o recibo estão á sua disposição; pode recebê-los quando quizer.

Ou quererá acaso algum creado para leval-os?

*Um que não lhe responde mais.*

Sr. Redactor.—Firmino José San Thiago precisa que V. S. lhe declare se o supplicante algum dia foi, ou mandou a essa redacção algum annuncio, em desabono de alguém, visto ter sido calumniado por vezes, e agora pelo Sr. Augusto Salgueiro sobre uns versinhos, os quaes acabam por S. Severiano! e adeus Itaparica!

Declaramos que o Sr. Firmino José

San Thiago nunca mandou-nos publicação alguma a respeito de qualquer objecto.

### A Redacção.

De rozas er'oado la vem radiante  
O dia pomposo do nosso Brasil  
O dia q'affirma, q'o povo bahiano  
Soffrer jamais ha de um jugo servil.

E' dia, sim dia, de glorias cercado  
P'ra os filhos da tribu de Tupinambá,  
E' dia q'affirma q'o brasilo povo  
Grilhões de tirannos jamais rojará.

E' dia que lembra a grande victoria,  
Que sempre por todos lembrada será;  
Que faz q'os bahianos com gloria reputam  
O nome famoso do seu Pirajá

E' dia d'encantos para os brasileiros  
Q'o jugo não temem de luzos mandões,  
E' dia que lembra os nomes d'aquelles,  
Q'outr'ora assombravam aos seus batalhões

Nascido d'um bravo, que já pela patria  
Em lucta reulida a vida arriscou,  
Que a brasila fronte tomada de orgulho  
Ao ferro inimigo jamais se curvou.

Não posso, nem devo, curvar-me aos tirannos  
A fronte orgulhosa tambem alçarei,  
E logo q'a patria reclame um soldado  
Nos campos de Marte contente serei.

Q'importam as balas? A morte o q'importa  
A' quem vinga os brios da patria querida?  
E' mais glorioso morrer na peleja,  
Do que ver a patria de leve offendida.

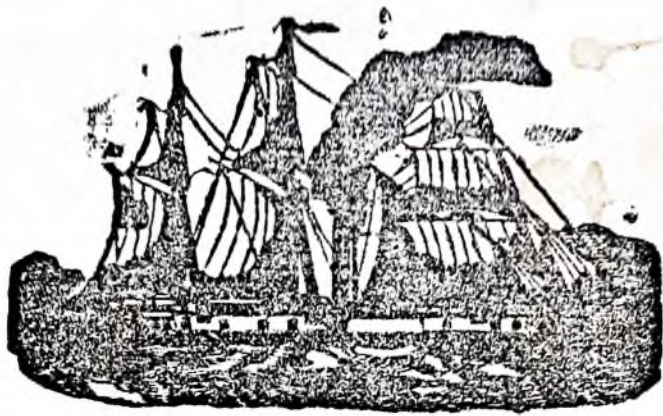
Eia pois oh meus patricios  
Nada de retrogradar,  
Um brasileiro não deve  
A face ás balas voltar.

Guerra, guerra, eis o brado  
Que resoam Paraguay  
Guerra, guerra meus patricios  
A'quelles monstros levae.

E conheça o paraguay;  
Que o soldado brasileiro  
Morre, sim, mas não se curva  
Ao jugo do captiveiro.

Por—Gaudeneio Cezar de Mello.





# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 24.ª

BAHIA 25 DE JULHO DE 1865.

N.º 240

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17, a 1/2 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 24 de julho de 1865.

Officio á companhia da limpeza, para que mande desobstruir o beco do Curiaxito que está no estado lamentavel em que se acham muitas outras ruas da capital, como por exemplo a ladeira do Pilar para a qual tambem se pede providencias.

—Ao Illm. Sr. subdelegado de Sant'Anna, participando-lhe que na rua do Bangala, beco do padre João Thomaz, um certo Barboza, crioulo, praça do batalhão de Caçadores e seu cosinheiro, em companhia de mulheres de má vida, armados de punhaes e faca, insultam desabridamente e ameaçam a visinbança quasi todos os dias, sem respeitar a pessoa alguma de qual quer sexo, posição ou estado. No dia 20 do corrente o barulho alli foi extraordinario, e no domingo 23 repetiu-se com mais intensidade, pondo em sobresalto os moradores daquella rua,

alguns dos quaes, para se não verem atacados em suas propriedades, ja della se mudaram.

Espera-se pois que S. S. ponha em acção sua energia afim de vedar a continuação do abuso, que pode trazer funestos resultados que cumpre evitar.

Circular. — Tendo um *máu informant*e nos dado a noticia d'um assassinato na villa de S. Francisco, e sendo tal noticia inteiramente falsa e só adrede propalada para desacreditar o Sr. de engenho João Mendes Barretto — declaramos que este Sr. se acha inteiramente livre de tal pecha e a prova está na seguinte carta que demonstra que o *assassinado* está vivo.

«Illm. Sr. Abeillard Xavier Alves. — Chegando a meu conhecimento que no *Alabama* do dia 17 do corrente sahira uma noticia de que tinha eu sido barbaramente assassinado por meu tio o tenente João Mendes Barretto, e como o Sr. Dr. chefe de policia possa pedir a V. S. informações é o motivo porque faço esta para que V.S. fique sciente de que me acho sem tal soffrer; tão somen-

te o que soffro é de um ataque de nervos, por tanto poderá V. S. fazer desta o uso que bem lhe convier e no mais aqui fico como quem é

De V. S. attento e obrigado

*José Mendes Rodrigues Grama.* »

Villa de S. Francisco 27 de junho de 1865 »

—Tomou posse da administração desta provincia o Sr. Dr. Manuel Dantas.

Estiveram presentes algumas autoridades, muitos officiaes da guarda nacional e os batalhões 1.º e 3.º da mesma.

—Hontem houve a festa de Nossa Senhora do Carmo na Ordem 3.ª. Esteve boa, sobresahindo, entre os foguetes, as luzes, as bandeiras, as fogueiras e a musica de porta, um lindo *pau de sebo* de cabelleira que muito divertiu aos concurrentes.

—Falla-se, como ameaça, em que um certo caixeiro despedido fez uma transacção com o *Barateiro*. E para que algum calumniador infame não torça os factos; é preciso que se conte a historia. O caixeiro alludido foi á caza do *Barateiro*, pediu um vestido no valor de 12\$ rs. e deixou de pagar, por isso que quem o tinha encomendado (um moço da Matta) ficara de trazer-lhe os cobres. O caixeiro do *Barateiro* debitou em nome do amo do caixeiro alludido e nesse sentido extrahiu-se a conta. O caixeiro pagou logo, ao ir a conta ao escriptorio.

E' esta e só esta a transacção do *Barateiro* de que tanto falla um miseravel calumniador, um bobo-manequin, um porta-voz de gallego, um brasileiro degenerado.

—Capitão, peço attenção.

—Sou todo ouvidos, falle.

—Fico realmente admirado de ver praticados certos factos por gente de quem os não esperava! Que as más acções sejam praticadas por gallegos estupidos, por negociantes ladrões, por homens desmoralisados, por *barões* do sensualismo, *transeat*; mas que os Srs. Bernardino José Ferreira Rodrigues & C.ª praticassem tal cousa é que não comprehendo.

—Mas que cousa, Sr.?

—Despediram um seu caixeiro, o Sr. Ildfonso Lopes da Cunha, por ser poeta! isto é por ter feito uma poesia intitlada o *Veterano*. . . . .

—Não creio; a rasão será outra.

—Pois eu creio que é esta mesma, e tanto é que elles responderam em uma carta ao caixeiro poeta que tinha elle sido despedido, por assim convir aos interesses delles, declarando outro sim que de forma alguma tal despedida affecta o credito do caixeiro, que não só era pontual no comparecimento ao escriptorio, como respeitoso e acatador no seu modo de tractar.

O mesmo declaram o guarda-livros e o caixa da caza!

—Oh! é um proceder inqualificavel!

—Tão descommunal, tão inesperado, tão virgem, que todo o commercio protestou; a associação dos caixeiros offerece logo ao moço uma quantia mensal, assim como o Sr. tenente coronel José Lopes Pereira de Carvalho que é digno de louvores pela maneira generosa com que se prestou e portou.

—Bem, estou inteirado do facto; que quer que faça? Bem vê que nada posso.

—Quero que V. Ex. dê a conhecer ao publico que o negociante portuguez Bernardino José Ferreira Rodrigues despediu de sua caza um caixeiro brazi-



leiro que fez uma poesia nacional por occasião dos festejos a 2 de Julho; quero que assim fique o povo brasileiro conhecendo quem é o seu hospede o portuguez Bernardino José Ferreira Rodrigues.

—Pois bem, publica-se o caso.

### VARIÉDADE.

Um rico velho avaro,  
Já bem perto d'expirar,  
Para fazer testamento  
Manda o tabellião chamar:  
Com timbre de voz roufenho,  
Diz o velho a suspirar:  
«Deixo tudo quanto tenho...»  
—E não podia acabar—

O tabellião, cançado  
Do seu tempo em vão gastar,  
Tendo escripto, diz, zangado:  
«O resto?—queira dictar»

«Deixo tudo quanto tenho...»  
—O velho torna, a chorar—  
Para um pouco, e diz, roufenho:  
«Porque o não posso levar.»  
(*Extr.*)

### A PEDIDO

—Vem cá, diabo coxo!

Vê que eu te conheço bastante. Intimo-te em nome da decencia a que mettas a lingua no az, assim de que possas receber nas ventas o tiro de lixo com que só se suicidam os que nasceram no lixo, os que com lixo foram criados.

Vê que, si o Perú odeia a raposa, o monarcha ao republicano, o seguro contra-fogo ao incendiario, tambem o diabo odeia a cruz. E tu não passas d'um pobre diabo coxo, que n'uma sexta feira da Paixão, quizeste desprestigiar teu sogro, sacerdote d'um Deus de paz, que naquella hora acabava de commemorar os mysterios da Religião; tu não passas d'um malvado ou d'um bobo que levaste tua pobre mulher illudida, em espectaculo, ante todos que a contemplaram de joelhos n'um templo, desamparada por ti que, occulto e a grande distancia te rias satanicamente do ri-

diculo papel que a fazias representar!

Toma pois sentido!

Toda a vez que achares occasião, tocarás a postos; e eu te acompanharei os passos.

Podes vir quando quizeres, *patriota* de borra!

Sr. Redactor.—Peço-lhe que declare si tenho tido alguma parte nas publicações que tratam de certos negocios em referencia a um Pau de sebo; o que é grande favor para quem se acha mettido n'uma vil intriga, urdida por gente capaz do todas as acções indignas.

Seu &.

*Luiz Ferreira de Souza*

O Sr. Luiz Ferreira de Souza em nada tem contribuido para as publicações a que se refere.

*A Redacção.*

### Atenção.

Deseja-se saber do commandante do 3.º batalhão da guarda nacional onde achou as instrucções por que manda o o dito corpo proceder a *recrutamento*, assim como si a guarda nacional pode indistinctamente prender aos cidadãos sem motivo algum.

Os factos de abuso, apontados ja pela imprensa contra o dito corpo, são innumerados e é preciso que cessem.

Por occasião dos festejos ao 2 de Julho, foram *recrutados*, si bem que logo soltos, todos os estudantes que iam à Mouraria reunir-se ao batalhão *Minerva*.

Agora, por occasião das festas em Santa Anna, continúa o brinquedo, e são até espancados pacíficos cidadãos que correm ao templo a cumprir seus piedosos deveres de christão.

No domingo á noite por exemplo, foram espancados, entre outros, tres cidadãos, um dos quaes cabo d'esquadra do 5.º, que levou bastantes tombos, sahindo por fim ferido com a baioneta.

O Sr. commandante deve providenciar a respeito.

O Sr. commandante superior deve olhar para isto.

O Sr. presidente deve fazer o que for de justiça.

—Sr. *Francisco*, tome geito, tenha vergonha.

Para que anda insultando a quem não se lembra de vossê, e que lhe dá a mesma importancia que dá a um desprezível cão.

Para que não paga antes a um mestre que lhe ensine a assignar o nome, com o dinheiro que gasta com publicações contra os outros?

Este bigorriha bem sabe quem lhe deita os podres de fora, mas como vê que não tira partido, atira-se como um cão damnado, e escoucea como um sendeiro, a quem nunca o offendeu.

Forte pedaço d'asno!

Não te faças engraçado  
Forneiro; assa teus pães:  
Pula do meio da gente . .  
Teu lugar é entre os cães.

Salta, animal de orelhas grandes, bicho immundo, ratazana de cloaca!

Não sei o dono da padaria Furtado por que não emprega este jumento em carregar barricas de farinha de trigo.

Adeus ruivo, até outra vez.

Apezar que não saibas ler, manda por outro ler e aprecia estes versinhos que achei a proposito.

Pela lingua, ó lapuz bem te conheço,  
Bem conheço esse teu fraco latido,  
Olha o cacete, livra-te da pedra,  
Guarda a cabeça, toma bem sentido.

Que és cão que ladra, sem morder de frente  
Bem sei, porque já conheço as tuas manhas;  
Sei que mordes á surdina; mas cuidado.....  
Com um pontapé arranço-te as entranhas.

Si esta minha linguagem te incommoda  
Si o que digo te faz perder o tino;  
Cose essa boca, tapa esses ouvidos  
Vae dormir, que assim faz o cão mofino.

Outras terras, lapuz aventureiro,  
Outra vida, servente de padeiro

E como te metteste em camizada  
Mando te por o freio do sendeiro.

Sr. Redactor.—Tenha a bondade de declarar se eu tive parte n'uma publicação contra o Sr. Francisco do *Alabama* n. 235 a qual principia—vem cá biltre, e que falla em padaria de furtado.

Bahia 21 de julho de 1865.

*Emilio Augusto de Oliveira.*

Affiançamos que não.

*A Redacção.*

—Sabe quem está por cima?

—Não.

—O manda o fado.

—Como foi essa transformação? como é que de fazer bocetas, o homem de repente deu parte de rico?

—E consta que até vae ser empregado publico.

—Que pechincha! Seria por ouvirem-no tocar violão, ou por alguma noite perdida pela praia?

—Não sei. O homem tem artes!

—Tambem ouvi fallar n'uma joven illudida.

—Quem?

—Uma filha da fallecida Joanna.

—Já sei. Foi uma a quem elle tomou tresentos mil reis, com palavras doces e promessas de casamento.

—E depois abandonou-a.

—E' tratante! E agora anda pela Calçada fazendo versos.

—Na Calçada pregou elle o calote a uma preta que lhe vendia comida e roupas velhas do senhor, e que não lhe detxava a porta por causa dos cobres.

—Mas elle agora está rico.

—Qual rico; aquillo são sumações.

—Que cabelleira ensebada tem o damnado!

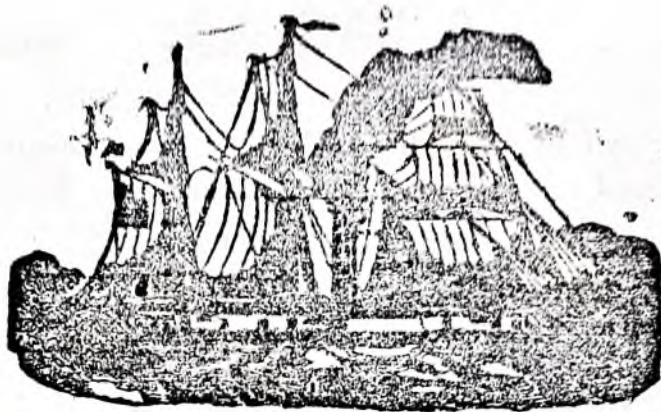
—Diz que é para as moças gostarem quando elle canta—*Adeus Lilia, mal-fadada.*

—Homem, peça ao muxingueiro que se arranje com o tal—*Manda o fado*—e deixemos-nos de cousas.

—E si elle gritar por *S. Marcolino?*

—Mande-o fazer bocetas.





# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 24.ª

BAHIA 27 DE JULHO DE 1865.

N.º 241

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia u. 17, a 1\$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 26 de julho de 1865.

Officio ao Illm. Sr. Dr. juiz de orphãos, pedindo-lhe que faça ir á sua presença uma menina orphan que existe no poder de uma mulher de nome Felismina, moradora á Fonte Nova do Desterro, n.º 31, a qual orphan, segundo nos informam, é cruelmente maltratada com pancadas, e coberta de andrajos, percorre as ruas desta cidade em compras e outros afazeres, sem attenção á pouca idade e inexperiencia da infeliz; do que pode muito bem abusar algum mal intencionado. Espera-se pois que S. S. mandando ir á sua presença a mencionada orphan, dê providencias afim de melhorar a sorte daquella infeliz.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que faça dispersar uma reunião que ha todas as noites no pequeno muro que dobra da Baixa dos Sapateiros para o Taboão,

composta de sujeitos que vão para alli apuparem quem passa, travarem questões com as muitas *meninas felizes* que ha por alli e que á noite sahem para *girar*, resultando disto conflictos que muito offendem a moralidade publica. Cumpra.

— Rapazes, mirem-se neste espeelho!

« PARA O PUBLICO.

« O abaixo assignado, ex-praça do 3º de infantaria, assistindo ao fogo do « Paysandú, foi alli baleado, de cujo « ferimento resultou ficar aleijado de « um braço e inutilisado de todo o ser- « viço, e quando menos esperava, foi « reformado com o ALTO SOLDADO de « 2\$560 por mez, cujo soldo enten- « do que devo desde já agradecer « a quantia que para reforma me foi « concedida, por quanto, antes quero « mendigar o pão de porta em porta do « que receber a gratificação que pelo « governo de Sua Magestade me foi da- « da, e desde já previno ao publico que « não negue a sua esmola a uma praça « que em defeza da patria derramou seu « sangue.

« *Ignacio Alves de Carvalho.*

« Rio de Janeiro.

—E queixam-se!

—E andam a dizer que foi pequena a gratificação ao Barroso!

—Quando o Barroso, além do seu gordo soldo, tem a gratificação de 1:200\$!

—Quando o pobre soldado tem por mez OITO PATACAS!

—Isto é 85 reis por dia....

—Isto é, quatro vintens e cinco reis...

.....

—Que homem terrível!

—Homem! Aquillo é o diabo que toma a figura de padre! E si duvida, repare. Não vê uma elevação trazeira por baixo da sotaina? é o rabo do bicho! Repare no pé; não vê como é arredondado? é pé de cabra o malvado.

—Por isso, por isso! Assim que o demonio chega na terra põe tudo em movimento: Jogo, palavradas, pancadas, furtos, insultos a familias, processos e o diabo que é elle mesmo!

—E' preciso que o Exm. Sr. arcebispo mande fazer exorcismos.

—E invocarmos nós a milagrosa protecção do Senhor do Bomfim.

—E de sua Santissima Mãe a Virgem Senhora da Penha.

—Muito gosta o *Manuel dos santos* que ha em Itapagipe.

—Isto é bom para o padre *Vieira* que sendo verdadeira antithese do antigo, é de mais a mais um hypocrita infame, um devasso refinado, um jogador decidido, um candomblezeiro consummado, um sambista desinvolto, um assassino de repetição.

—Calemo-nos!

—Continúa a quebrar-se pedras, isto é a dar-se tiros no meio da ladeira da Misericordia, uma das ruas mais transitadas desta cidade.

—E' brinquedo; o Sr. Thomaz do Aquino ja se esqueceu d'uma pedra que cahiu no Corpo Santo em cima d'uma crioula!

—E a felicidade com que os operarios dão o tiro! avisam a quem passa, gritando:—Nãe se arredem e vejam!

—Deixe-me! O Sr. Aquino nesta terra pode fazer o que quizer.

—E não ha postura?

—Impostura!

—Os depositos do lixo são Engenho da Conceição, Coronel, Massaranduba, Retiro, Cabula e Garcia.

—Isto é velho, não masse!

—E' velho, que assim o ordena o contracto e o confirma o edital do empresario; mas entretanto o lixo está sendo depositado no mar.

—Que escandalo!

—Vá á Preguiça, que o ha de ver; todos os carros hão de passar por um estreito beco e deitar o lixo á praia.

—E' um desaforo! Só se vê disto na Bahia!

E hão de dizer que é má vontade á companhia, ou á empreza! quando são tantos os abusos de seus empregados que nem o proprio Job pode atural-os!

## VARIÉDADE.

Um maltrapilho entrou na loja de um hervanario e perguntou-lhe:

—Quantas horas são?

—Dez, lue torna o hervanario.

O industioso ladrão entrou n'uma padaria defronte e disse que o visinho hervanario mandara buscar uma porção de pão.

—Não me lembro, disse elle, si são 9 ou 10, mas eu pergunto.

E chegando a porta, disse:

—São 9 ou 10?

O hervanario suppondo que eram as horas respondeu:

—São 10.



Dez, são dez pães, disse o ladrão ao inexperto padeiro.

Na melhor boa fé o padeiro deu-lhe o pão. O meliante sahiu, nunca mais foi visto.

Quando no dia seguinte o padeiro foi pedir o importe do pão é que reconheceu a burla.

Discorrendo um naturalista acerca dos irracionaes exclamou: «E' pena que certos quadrupedes não sejam dotados do dom da falla'» — «Pois maior pena é que alguns bipedes o sejam», tornou um de seus ouvintes.

(Extr.)

## A PEDIDO

—Capitão, contaram-me o seguinte:

Houve uma lavagem em certa ordem 3.<sup>a</sup>, e compareceram diversas creoulas.

Um *vigario* convidou-as para uma feijoada que ellas acceitaram, mas vendo que constava ella de mocotó, começaram a reclamar por paioes e chouriças, entre innumeras gargalhadas e apupos que puzeram tonto o gallego.

O gallego mandou, para consolar, buscar vinho, que demorou-se tres horas, sendo impedidos as raparigas de sahirem, para não furtarem as colheres que eram de metal, talvez herdadas do bem conhecido negociante Peixe Frito.

E nesse interim em falta de paioes, mandou metter nos feijões um *pau de sebo*, isto é uma vella sem pavio, cuja gordura emporcalhou tudo, a todos enjoando, e só borrando os beiços do labrego que por sebo e moeda falsa é como sariguê por aguardente.

—Ora vivorum!

—Capitão, ouça isto:

Um dia entrou em um hotel o mais rico negociante de Latronopolis e pediu comida. Veiu um prato com carne e um pão. O negociante comeu metade da carne do pão. Ao pagar, sabendo do preço, ficou espantado como si lhe pedissem com contos, quando apenas lhe pediam um selo.

Retorquiu pois: Eu só comi metade,

logo só devo pagar metade que vem a ser doze vintens.

Nesse caso, V. Ex. pode levar o dinheiro, disse-lhe o dono do hotel.

E o magano dando a Deus graças, mettu com a maior descaração o dinheiro no bolso.

Os circumstantes riram-se a morrer e dahi por diante ao entrarem nos hotéis só se pedia *meia isca*, o que veiu a ficar por costume.

—E quem era esse negociante?

—Era o bem conhecido e nunca assás cantado commendador coronel *poderoso* Antonio de Albuquerque!

—Que alma de cachorro!

—Sabe me dizer a razão por que os guardas do batalhão de Brotas que aquartelaram na policia não receberam seus vencimentos?

—Dizem que é porque o major Joaquim Domingues Lopes mandou *guardar* para fazer fardamento quando tiver de aquartelar.

—Muito bem! E si até la morrer algum guarda para quem fica esse dinheiro?

—Eu sei cá. Pergunte a elle.

Eu o que intendo é que ninguem é mais competente para guardar meu dinheiro do que eu proprio.

—E estes Srs. commandantes de batalhões podem todos os dias a seu bel-prazer alterar o uniforme da guarda nacional, mareado por lei, sobrecarregando os guardas de despezas?

—E' um abuso que elles praticam. Mas nenhum fez ainda isto que, dizem, fez o Sr. major Lopes.

—Este Sr. major Lopes tem o que se lhe diga.

—Ouve, bobo!

Em quanto contam uns com o ovo no az da perua, contam outros (a raça gallinacea, os perus e as gallinhas) com o ovo no az da raposa.

Não é verdade?

—E' sim, Sr..

—E só tal raça tem medo de raposa; será por isso que só ao ouvires-lhe o nome, tanto gritas?

—E' sim, Sr..

—Eu bem via que só receiando falta de comida, tanto fallavas na remoção do liso. Não tenhas susto; lombrigas não te hão de faltar. E depois, dar tehei por competencia a empreza das materias feccas; ahí metterás o bico e as patas e engordarás por força; não será mais precisa a cousa do frade que tu queres.

—Sim, Sr.; sim, Sr..

—Adeus, Sra. Ignacia, Vm. como está?

—Deixe-me, estou muito zangada! Pois não me botaram no *Alabama*?

—Talvez porque Vm. fallasse da vida alheia.

—Quem, eu? nunca fallei.

—Então não esta certa dos casos que me contava daquella moça donzella? daquella senhora casada daquella viuva? e finalmente de muitas outras cousas? Creio que muito gostou quando uma vez sahiu no *Alabama* certa moça casada. Tome sentido, Sra. Ignacia, que tambem não lhe vão contar a historia do padrinho.

Diga-me mais, seu irmão Augusto onde vae buscar dinheiro?

—Meu irmão é marceneiro, não trabalha por quo sempre tem dinheiro, e é bastante esse officio, que faz ser ligeiro de mão e fino da canella, para em algum aperto poder correr.

—Ah! então elle è da companhia do olho vivo?

—Não senhor, ladrão não é, informe-se da visinhança para saber do comportamento della.

—Está bom, Sra. Ignacia, virci outra occasião por que agora estou com pressa, para acabar de saber si ainda tem muito para arder o seu rabo de palha.

#### *O caes do ouro.*

—Meu rico, tome sentido, olhe que na sua ausencia, anda um sujeito nos seus campos a lhe ceifar a seara.

Abra o olho, que lhe querem cortar a relaguarda.

E si duvida, pergunte ao *Justino*, que sabe disto.

#### *Mariquinhas.*

RECITATIVO PATRIOTICO PARA SER CANTADO DURANTE A GUERRA DO PARAGUAY POR NOSSAS PATRICIAS BAHIANAS.

Acordae brasileiros, a guerra nos chama,  
O valor nos inflama de fortes guerreiros

A's armas bahianos, o ferro dos bravos  
Não teme os escravos, não teme os tiranos

Cravaremos com arte, na vil Assumpção  
A bay'netta e canhão, o nosso estandarte.

A's armas, etc.

A lida da guerra nos causa prazer,  
Vamos todos vencer, Humaytà não aterra

A's armas, etc.

Não se perca um instante, disposta victoria,  
Rodeiemos com gloria o nosso Imperante

A's armas, etc.

Si houver um guerreiro, que diga: não vou,  
Seu brasão renegou, não é brasileiro.

A's armas, etc.

Marchemos com fé! quanto não é honroso,  
Ver de perto um Barroso, um Tamandaré?!

A's armas, etc.

Quem já tem por brasão o gram Pirajá  
Não teme Humaytà, não teme Assumpção.

A's armas, etc.

Nós, os bravos do norte, na frente marchemos  
A Lopez curvaremos, e sua cohorte.

A's armas, etc.

Hoje nós não louvamos, heroes veteranos,  
Quando marcham ufanos, os não respeitamos?

A's armas, etc.

Voluntarios marchemos, sem constrangimento.

Em um só regimento todos nos alistemos.

A's armas, etc.

Que dirá o porvir, se escrever-se na historia:  
Regeitaram a gloria, não quiseram la ir?

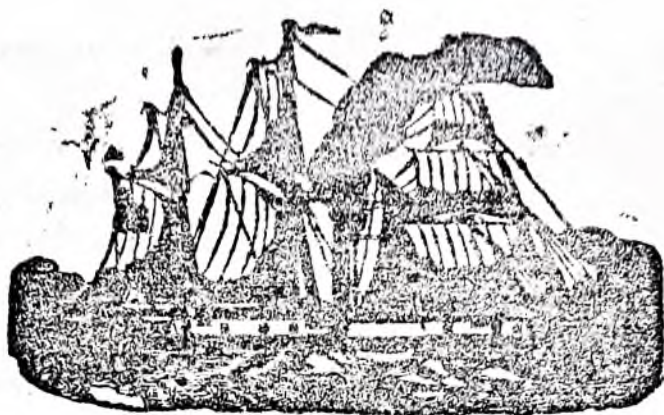
A's armas, etc.

Nossos filhos nos chamam e nossos irmãos,  
Nossos braços e mãos com alfange reclamam.

A's armas bahianos, o ferro dos bravos  
Não teme os escravos, não teme os tiranos

Por—J. C. M.





# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 24.ª

BAHIA 29 DE JULHO DE 1865.

N.º 242

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17, a 1\$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 28 de julho de 1865:

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe pela segunda vez providencias contra as immoralidades e algazarras continuas que ha n'uma caza Atraz da Cadeia, onde mulheres de má vida, unidas a certos caixeiros de vendas, fazem timbre em incommodar e escandalisar a visinhança, que ja os não pode aturar.

Espera-se pois que S. S. faça quanto antes cessar o escandalo.

—Ao Sr. subdelegado da Sé levando ao seu conhecimento o seguinte:

Um africano de nome Maximiano empregado como servente no hospital de Charidade, occupa-se na industria de dar ventura e para esse fim traz daquelle hospital diversos membros de cadaveres que emprega no seu hediondo mister. Esse africano era morador n'um armazem do sobrado n. 8 á rua de D. José; e ameaçado por alguém do

ser denunciado, mudou-se no domingo; não se sabe para onde; porém uma preta que existo no referido armazem poderá informar a S. S., e mesmo pessoas da visinhança que presenciaram entre outros objectos, caveiras dentro d'uma barrica. Espera-se que S. S. proceda como costuma, afim de reprimir semelhante escandalo.

—Noticias do Sul. São de pouca importancia. A de maior interesse é a da debandada do exercito commandado por Urquiza, a quem as tropas fizeram nariz.

—Nariz pregou-nos o amavel alliado, o celebre D. Justo José Urquiza.

—E' o Brazil ir se aguentando, por que, segundo o *Jornal do Commercio*, só em Corrientes os paraguayos tem 30,000 homens.

—Que mais?

—O exercito alliado com cerca de 30,000 homens ficava ainda na Concordia, mas as ultimas noticias o davam quasi a por-se em marcha, em quanto o Sr. de Tamandaré preparava a esquadrilla para subir o rio.

O general Canavarro reunia suas forças, já engrossadas com algumas que tinham acudido do interior.

—Sabem todos quaes são os depositos do lixo; repetil-os é massar o leitor.

Pois os carroceiros ainda o ignoram.

—Como?

—A prova é que estão a deitar o cisco na Matança, cujos donos não lhe encommendaram o sermão.

—O Sr. Costa Guimarães que lhe responda.

—Continua o cambio dos bilhetes no Theatro!

—E' um desaforo, que não sei como se tolera!

—E os bilhetes chamados da policia?! Por occasião do beneficio da Geovani venderam-se apenas dez. Quarenta foram mandados buscar *la de dentro* e o publico ficou em branco!

E, á noite, os cambistas traziam o bolço cheio e vendiam bilhetes a tres, a quatro e a cinco mil reis.!

—E entretanto a policia, a administração do Theatro e a empresa dormem profundo somno!

—Capitão, quero pedir-lhe um favor.

—Diga.

—Desejo que por seu intermedio seja perguntado á companhia do Gaz o seguinte:

O inspector faz de continuo multas aos accendedores; ha em algum logar a designação e a estipulação de taes multas? Si ha, os accendedores tem disto conhecimento?

Mas ainda havendo-o, em favor de quem revertem taes multas? que fim tem ellas?

E' o que se deseja saber.

E depois pedir ao Sr. inspector Caldas um pouco mais de delicadeza para com seus subalternos, que não estão obrigados a ouvirem palavras pezadas e a serem vitimas de grosseiro tractamento.

—Sim, Sr., é tomado na devida consideração o seu pedido.

—O Pau de sebo anda tonto! depois de ensebar toda visinhança, emporcallyhando a todos; depois de grunhir, de ladrar, de morder; depois de inventar historias, de suspeitar inimigos, andou a defamar, a insultar: agora vendo que nada arranjava, anda a implorar misericordia, a pedir miseravelmente áquelles mesmos a quem já insultou!

—Covarde!

—Sabe o que fez a beneficiada, a Sra. D. Jesuina Geovani? Esqueceu-se de que os assignantes aturam todas as suas massadas, todas as suas faltas, as partes mal sabidas, as indisposições que tem, e que deviam por tanto merecer mais alguma consideração.

—Mas que fez?

—Não se dignou, ou antes leve a delicadeza de não contemplar digno de assistir ao seu beneficio a um só dos assignantes, e taboqueou assim a todos que lhe queriam obsequiar com uma bem boa duzia de palmadas.

—Ora dá-se!

—Capitão, sabe d'uma pilheria do 5.º batalhão?

—Ah! não quero intrigas com o Sr. major Domingues Lopes nem com o Sr. alferes Bottas que acaba de vir hoje ao *Diario* a explicações!

—Explicações de que?

—Disse que o dinheiro dos guardas



está no estabelecimento para render o poder-se então fazer o fardamento.

—Eu não digo! Este Sr. Lopes tem um geito para paraguayos! é tão amigo de arbitrariedades! Onde achou elle lei ou disposição que o authorisasse a guardar o dinheiro dos guardas?

—Não sei.

—Vamos porém ao caso.

No domingo passava eu pela Fonte Nova e vi entre os guardas de Brotas um verdadeiro *pitã*, isto é um sujeito á paizana, arremedo de militar.

Julguei que era algum recruta, algum pescador de *yoyó zezé*, algum corneta mesmo; mas enganei-me porque o sujeito tinha ares de mandão.

Era, sabe quem? o capitão mandante que passava revista á sua companhia! Era o official que tem fardamento e que ia ver o estado dos guardas, em trajos de mariola, de paletot sacco, de risca-dinbo!

—Ora historias! não são precisas certas formalidades para batalhões da roça.

---

—Capitão, bem se diz que a gente fallando se entende; que, em conversa, uma cousa pucha outra.

—Associações de ideias.

—Li que fôra um moço despedido de caixeiro por ser poeta e que tinha isso feito reboliço. Pois o caso não é novo; é ja segunda edição pelo menos.

—Então que sabe?

—Havia, *aqui assim* em Latronopolis, um gallego que.....

(A chronica do *cujo* contar-lhe-hei em tempo.)

O gallego tinha entre todas uma grande virtude, gostava de fazer suas charidades como as mulheres; e por tão boas acções era conhecido por *barão*, nome equivalente ao de *príncipe* em

Portugal; tinha por officio ensacar alhos e tinha tambem em escriptorio de *commissões*.

Havia então entre os seus caixeiros um que como o que motivou esta conversa, fazia seus versos, era poeta.

Gallego burro é como ave nocturna que odeia a luz; o brutaço tinha por instincto horror á poesia que elle suspeitava que um dia satyrisasse seu bom costume de mulher charidosa, mas não se atrevia, por isso que receiava as consequencias, a despedir o moço.

Um dia o poeta fez uma poesia nacional, isto é tractou da ma paga que dão as nações aos soldados, e representou um veterano brasileiro lamentando não poder seguir a Tamandaré o Barroso.

—Então é cousa de pouco tempo.

—Foi logo depois que um parceiro d'elle despediu um caixeiro de escripta, por ser capitão da guarda nacional e ter aquartellado.

—E como se assemelham as historias!

—E os tratantes!

Mas sim. Quando o gallego viu a poesia, não pode conter as iras. Era uma poesia que lembrava os guerreiros que venceram os luzitanos; era uma poesia que abatia os paraguayos!

«Desaforo! murmurou o bruto que, como muitos malungos seus, tem sentimentos paraguayos.....

—Sirva de exemplo o Pau de sebo.

—E inchando de raiva, rebentando de odio, despediu o caixeiro dizendo: Não quero caixeiros poetas!

—E um diabo destes teve ainda o desaforo de offender a honra d'um official da reserva, que se oppoz moralmente ao atrevimento inqualificavel do bruto!

—Pobre *hermaphrodita!* . . .  
(*Continúa.*)

—Gafeiro, vem cá!

—Quem é V.?

—Sou um alquilé, um canalha como tu dizes. Disseste o outro dia que nenhum motivo tinhas dado ao Sr. Belarmião para elle fazer-te o que mereces; mas a nós tens dado e muitos. Bem dizia elle que breve seria alguem, como elle, alvo de taes injurias. E' que elle te conhece bem.

Ora ouve. Ou não tens juizo, ou vergonha. Pois tu, o escriptor mais incoherente, te atreves a fallar em coherencia? tu que rompestes com a liga e és hoje ligueiro e defendes o Dantas, e lhe desejas gloria? tu que rompestes com a liga e insultaste o Saraiva, e acceitaste depois escriptos de *engenho*, e hoje o adulas miseravelmente?

Pois tu podes fallar em escriptores alugados, tu a Messalina da imprensa que te vendes de continuo para satisfazer os desejos dos inimigos de teus amigos, pessoas ou politicos?

Tu que vendeste a consciencia a *dous tostões* por linha?

Para que fallas em respeitar homens de bem, pessoas de consideração, bem relacionadas, bem conhecidas?

Pois de tua lingua sordida não é que cahiu um chuveiro de injurias contra os Andreas, Martins, Wanderleys, Goes, Chichorros, Aprigios, Pinto Limas, Barbozas e milhares de cidadãos, distinctos por sua capacidade e posição?

Sei bem porque tanto o defendes, a elle, a innocencia personificada, o typo da generosidade, o transumpto da honradez. Tu o adulas para que elle

não descubra a *surpreza*, a ganancia, o roubo da casa do Baluarte.

—Capitão, poupe-me por quem é!  
(*Continúa.*)

## A PEDIDO

*Patriota noviço,*  
Que vens p'ra comer,  
Qu'enches a pança,  
Qu'á *praia* vaes ter;  
Que ahi dos *cavillos*  
Te achas tão perto,  
Que sob a montanha  
Te pões a coberto;  
Não bulas, ó bobo,  
Com teu sup'rior,  
Qu'a não seres coxo,  
Serias tambor.

*Um sanhaço.*

## Meu Campos.

A' noite nas *Larangeiras*  
Anda um vulto a passear. . .  
O *Justino* sabe disto. . .  
E bem lhe pode informar.

*Mariquinhas.*

## ANNUNCIO.

### Atenção.

Vende-se a venda ao largo de Santo Antonio n.92; quem quizer dirija-se a mesma que achará com quem tratar.

Quem tiver duas escravas que quizer alugar para vender docos, ficando as mesmas obrigadas a dormir na casa do annunciante, dirija-se á padaria na Ladeira da Soledade para tractar; não duvida pagar bem agradando.

### AMA DE COSINHA.

Na casa do tenente Belmiro José do Castro, á Preguiça, precisa-se de uma, que desempenhe bem suas funcções.



